

BOLETIM AGROPECUÁRIO

Julho/2018 – Nº 62



Empresa de Pesquisa Agropecuária
e Extensão Rural de Santa Catarina

CEPA

Centro de Socioeconomia
e Planejamento Agrícola



**GOVERNO
DE SANTA
CATARINA**

Secretaria da Agricultura
e da Pesca



Governador do Estado
Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca
Airton Spies

Presidente da Epagri
Luiz Ademir Hessmann

Diretores

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira
Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini
Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda
Extensão Rural

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Reney Dorow



Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl

Glaucia Padrão

Haroldo Tavares Elias

João Rogério Alves

Jurandi Teodoro Gugel

Rogério Goulart Junior

Tabajara Marcondes



Florianópolis

2018

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação

Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Elaboração

Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa

Glaucia Padrão – Epagri/Cepa

João Rogério Alves – Epagri/Cepa

Haroldo Tavares Elias – Epagri/Cepa

Jurandi Teodoro Gugel – Epagri/Cepa

Luis Augusto Araujo – Epagri/Cepa

Rogério Goulart Junior – Epagri/Cepa

Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Colaboração:

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

Janice Waintuch Reiter – Epagri/Cepa

João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)

Léo Teobaldo Kroth – Epagri/Cepa

Marcia Mondardo – Epagri/Cepa

Mauricio E. Mafra – Ceasa/SC

Nilsa Luzzi – Jaraguá do Sul (UGT 6)

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Wilian Ricce – Epagri/Ciram

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário on-line. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://www.cepa.epagri.sc.gov.br//>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Luiz Ademir Hessmann

Presidente da Epagri

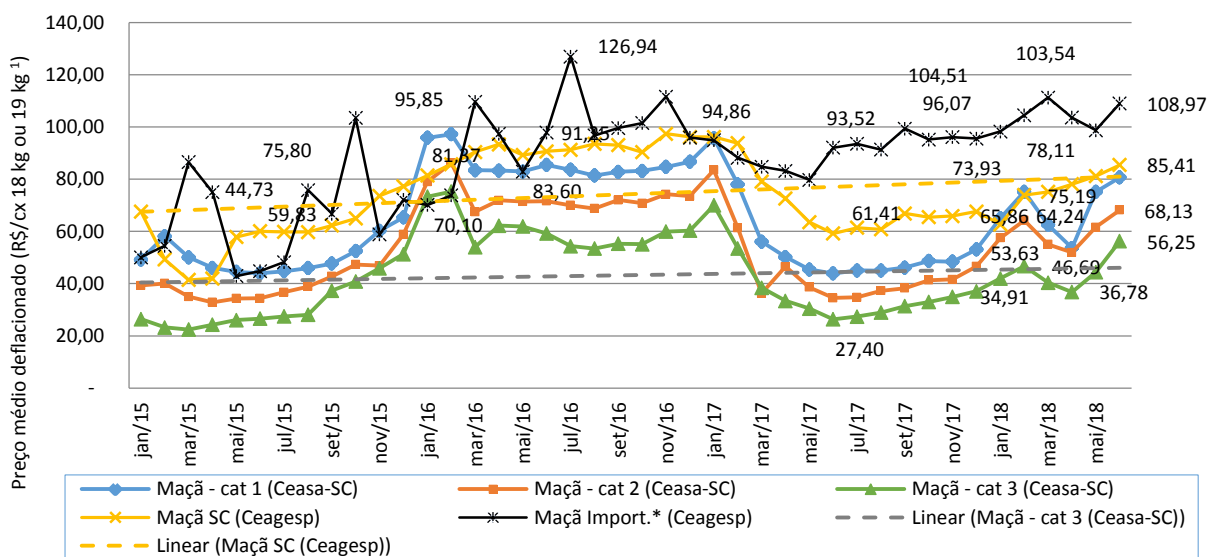
Sumário

Fruticultura.....	7
Maçã	7
Grãos	9
Arroz	9
Feijão	12
Milho.....	14
Soja	19
Trigo.....	22
Hortaliças	25
Alho.....	25
Cebola	28
Pecuária.....	30
Avicultura.....	30
Bovinocultura	35
Suinocultura.....	39
Leite	45

Fruticultura

Maçã

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br



(1) Cat. 1, 2 e 3 = classificação vegetal para maçã referente à Instrução Normativa n.5 de 2006 do MAPA.

Nota: preço deflacionado pelo IGP-DI (abr./17=100)

Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp.

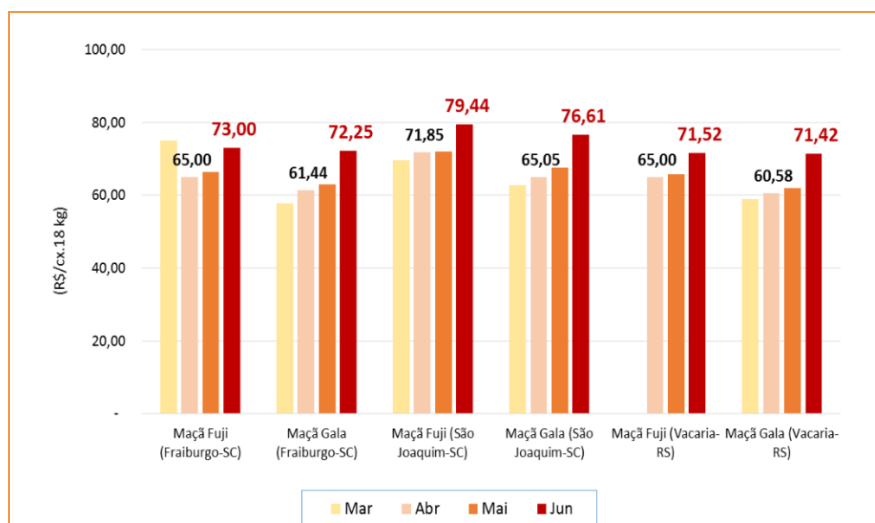
Maçã - Evolução do preço médio mensal no atacado

Entre abril e maio de 2018, com a colheita da maçã Gala encerrada e em finalização a da maçã Fuji, os preços deflacionados da maçã têm suas cotações valorizadas em 40,1% para maçã cat.1 vendida no Ceasa/SC e de 3,87% na maçã de origem catarinense negociada na Ceagesp.

Na Ceasa/SC, no comparativo entre maio de 2018 e de 2017 os preços da maçã estão valorizados em 65,4% para a categoria 1. Por sua vez, a fruta classificada como cat.3 representa apenas 59% do valor médio da cat.1, no entreposto. Como efeito do aumento na demanda, devido à paralisação dos caminhoneiros no final de maio, o mês de junho tem suas cotações valorizadas em 83,8% na maçã de categoria 1, no comparativo com junho de 2017, e 7,3% em relação ao mês de maio de 2018.

Na Ceagesp, em junho de 2018 a maçã catarinense estava com seus preços valorizados em 5,29% em relação a maio. Em comparação aos preços negociados no mesmo mês do ano anterior, houve recuperação da cotação no atacado, com valorização de 106% do preço da maçã catarinense comercializada na central paulistana. Em junho, a maçã importada estava com os preços 18,4% maiores que os de junho de 2017.

Os preços estão sendo negociados com margens menores devido ao aumento nos custos de estocagem, resultantes da “paralisação dos caminhoneiros”. A expectativa é de redução na demanda e aumento relativo na oferta, com diminuição nas cotações nos próximos meses. Mas, estoque menores podem garantir valorização nos preços no segundo semestre de 2018.



Nota: Maçã (cat.1) graúda embalada

Fonte: Epagri/Cepa e Cepea/Esalq/USP.

Maçã – Preço médio ao produtor nas praças de SC e RS

relativa na oferta. No volume negociado, a participação da maçã Fuji foi menor que a da safra anterior e com qualidade menor que a da maçã Gala. No final de junho, as horas de frio estavam próximas da média histórica. A expectativa é de que a partir de julho iniciem as podas e limpeza dos pomares.

No mercado externo, o aumento na produção de maçãs europeias deve pressionar a desvalorização dos preços, com aumento da importação da fruta nos mercados brasileiros, além da concorrência com as frutas chilenas e argentinas. A expectativa é que a qualidade da fruta nacional estocada em atmosfera controlada garanta o retorno esperado pelos produtores e classificadores, mesmo com a entrada das frutas importadas.

Em Fraiburgo, houve valorização nas cotações das maçãs Gala e Fuji. Em maio, a paralisação do mercado reverteu a tendência de desvalorização nos preços, mas ocasionou aumento nos custos de estocagem. Nos pomares, as horas de frio estão acima da média, com expectativa de melhor qualidade das frutas na safra 2018/19.

Em São Joaquim, segue a valorização nas cotações de ambas as maçãs impulsionada pelo aumento na demanda a partir do início de junho. Houve estratégia de diminuir a classificação, com a manutenção das frutas já em estoque, ocasionando diminuição

Maçã – Comparativo entre a safra 2016/17 e a estimativa de 2017/18 – Santa Catarina

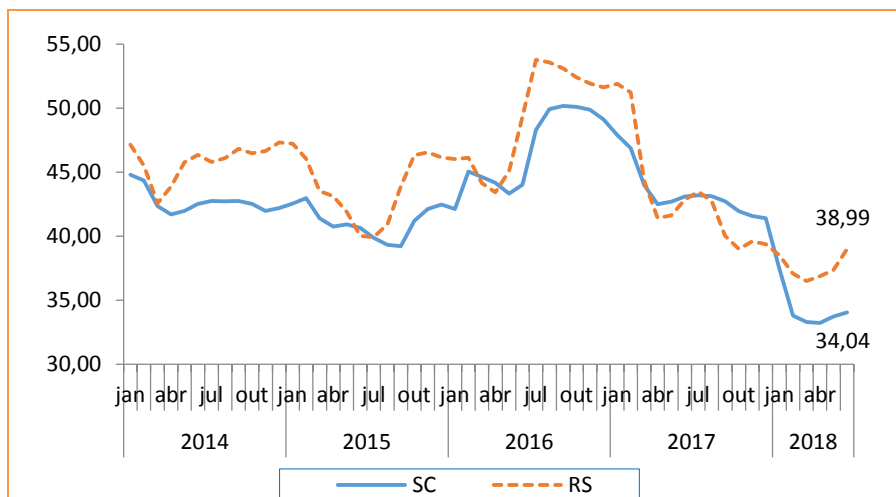
Principais MRG com cultivo de maçã	Safra anterior 2016/17 (Epagri/Cepa)			Estimativa inicial 2017/18 (Epagri/Cepa)			Variação (%)		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Prod. média (kg ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Prod. média (kg ha ⁻¹)	Área colhida	Prod.	Prod. média
Joaçaba	2.816	110.292	39.166	3.040	107.854	35.478	7,95	-2,21	-9,42
Canoinhas	138	3.485	25.254	140	3.646	26.046	1,45	4,63	3,14
Curitibanos	966	35.748	37.006	995	33.288	33.455	3,00	-6,88	-9,60
Campos de Lages	11.782	488.008	41.420	11.972	468.739	39.153	1,61	-3,95	-5,47
Outras	1	4	3.500	4	30	7.500	300,00	757,14	114,29
Total	15.702	637.537	40.602	16.151	613.557	37.989	2,86	-3,76	-6,44

Fonte: Epagri/Cepa (Jul./2018).

Grãos

Arroz

Glaucia Padrão
Economista, Dr^a. – Epagri/Cepa
glauciapadiao@epagri.sc.gov.br

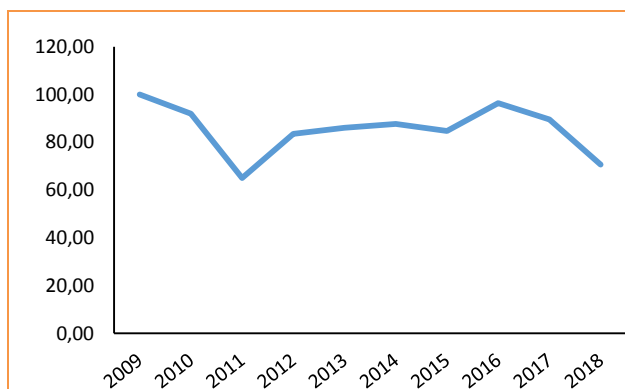


Fonte: Epagri/Cepa. e Cepea (RS)

Arroz irrigado – Evolução do preço médio real mensal ao produtor – Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Jan./2014 a Jun./2018) – R\$/sc 50kg

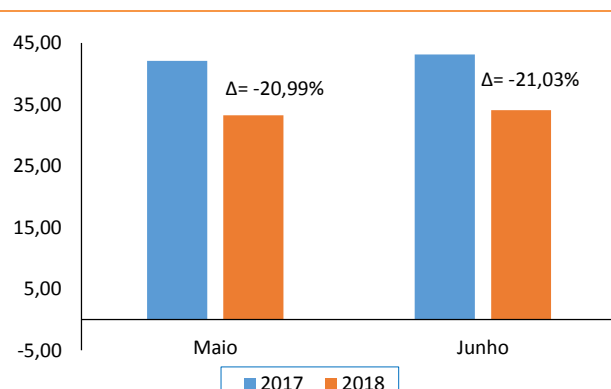
O comportamento dos preços do arroz no mês de junho seguiu a tendência observada no mês anterior. Na média mensal, os preços fecharam em R\$ 34,04/sc no estado. Algumas regiões, como o Sul Catarinense, apresentaram preços próximos de R\$ 40,00, influenciados, principalmente, pelo comportamento dos preços do Rio Grande do Sul, que teve preço médio mensal de R\$ 38,99. Entre as causas dessa recuperação, está o baixo estoque de passagem, que, segundo dados da Conab, é de 447,4 mil toneladas no

Brasil na safra 2017/18. Este é o segundo menor estoque das últimas 19 safras. Ademais, destaca-se o câmbio favorável às exportações, que reduz a oferta interna e influencia fortemente os preços. Embora os preços tendam a aumentar nos próximos meses, no comparativo com as duas últimas safras estes ainda estão baixos. A comparação feita entre os preços de junho de 2018 e 2017 mostra que estes estão, aproximadamente, 21% menores no ano corrente. Já comparativamente a 2009, o preço médio anual de 2018 está cerca de 29% menor e apresentando comportamento decrescente ao longo dos anos.



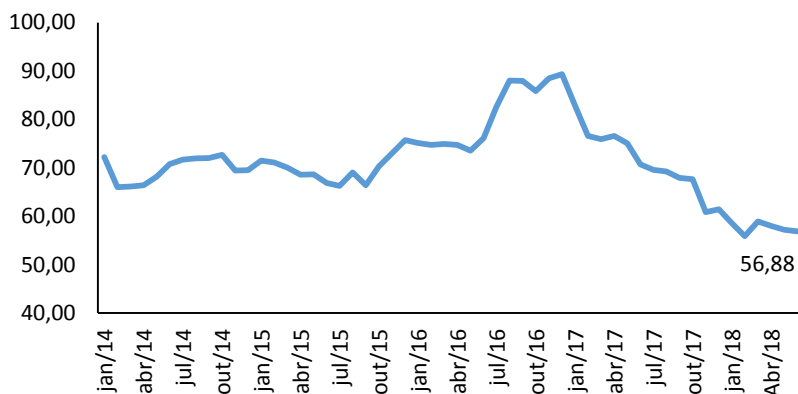
Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz em casca – Índice de preço médio anual ao produtor - 2009 a 2018



Fonte: Epagri/Cepa.

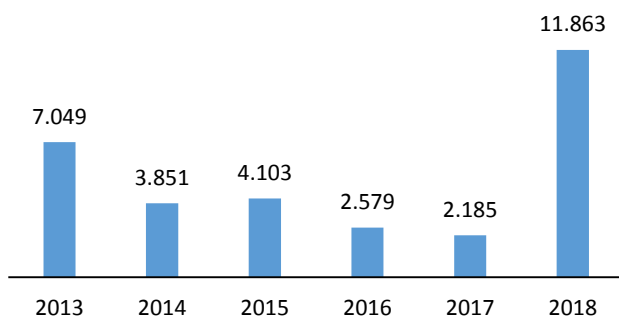
Arroz em casca – comparativo preços reais ao produtor em SC nos meses de maio e junho de 2017 e 2018



Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz beneficiado – Evolução do preço médio real mensal no atacado – Santa Catarina (Jan./2014 a Jun./2018) – R\$/sc 50kg

No mercado atacadista, os preços ainda continuam trajetória de queda. Em relação à maio, os preços no mês de junho em Santa Catarina foram 0,49% menores, fechando em R\$ 56,88 o fardo de 30 kg de arroz beneficiado. O repasse ao produtor do aumento observado nos preços pode acontecer nos próximos meses, concomitante à redução dos estoques de arroz em casca das indústrias.



Nota: Dados de 2018 se referem ao acumulado de janeiro a junho.

Fonte: MDIC/Aliceweb.

Arroz e derivados – Evolução do valor das exportações – Santa Catarina (2013 a 2018) – (US\$ FOB 1000)

No que se refere ao mercado internacional, observa-se que, de janeiro a junho de 2018, o valor das exportações foi mais de 5 vezes superior a todo valor exportado em 2017. O principal destino foi a Venezuela, que no mês de maio importou do estado quase 30 mil toneladas do grão, totalizando US\$ 8,04 milhões. A África do Sul, tradicional importadora do grão catarinense, importou no mesmo período 6,2 mil toneladas, gerando cerca de US\$ 3,02 milhões. Essa ação resultou em redução da oferta interna e

influenciou a variação positiva dos preços no estado. O mercado se mantém aquecido pela valorização do dólar frente ao real.

Arroz Irrigado – Comparativo safra 2016/17 e safra 2017/18 – Santa Catarina

Microrregião	Safra 2016/17			Safra 2017/18 (estimativa atual)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	51.730	401.179	7.755	51.530	404.001	7.840	-0,39	0,70	1,09
Blumenau	8.379	72.962	8.708	8.356	67.345	8.059	-0,27	-7,70	-7,44
Criciúma	20.857	167.558	8.034	20.857	162.944	7.812	0,00	-2,75	-2,75
Florianópolis	3.095	17.336	5.601	2.660	17.336	6.517	-14,05	0,00	16,35
Itajaí	9.261	76.190	8.227	9.111	73.128	8.026	-1,62	-4,02	-2,44
Ituporanga	269	2.152	8.000	277	2.475	8.935	2,97	15,01	11,69
Joinville	20.036	167.916	8.381	19.536	164.871	8.439	-2,50	-1,81	0,70
Rio do Sul	10.759	89.384	8.308	10.702	95.926	8.963	-0,53	7,32	7,89
Tabuleiro	146	1.238	8.479	126	1.056	8.381	-13,70	-14,70	-1,16
Tijucas	2.690	20.300	7.546	2.690	20.300	7.546	0,00	0,00	0,00
Tubarão	21.094	160.020	7.586	21.094	173.214	8.212	0,00	8,25	8,25
Santa Catarina	148.316	1.176.234	7.931	146.939	1.182.596	8.048	-0,93	0,54	1,48

Fonte: Epagri/Cepa (Junho/2018).

A safra 2017/18 de arroz irrigado no estado foi encerrada. Em relação à safra 2016/17, houve aumento de 0,54% na quantidade produzida. Embora a área tenha reduzido no estado em quase 1%, a produtividade superou a expectativa inicial e fechou em 8.048 kg/ha (1,48% maior que a observada no ano anterior). Entre as causas da boa safra estão a condição climática favorável, investimento em tecnologia e cultivares de alto potencial de produtividade, bem como baixa condição para ocorrência de brusone, principalmente na Região Sul do estado. A ocorrência de problemas climáticos isolados, a exemplo da chuva de granizo ocorrida em Nova Veneza, não foi suficiente para prejudicar significativamente a produtividade. Observou-se, também, que a safra 2017/18 atrasou em relação à safra 2016/17, devido as baixas temperaturas observadas no início do plantio. Na Região Norte, a produtividade nas regiões de Blumenau e Itajaí ficaram abaixo da expectativa inicial e em relação à safra anterior, ocasionadas, principalmente, pela baixa produtividade da soca. Já na região do Alto Vale, a produtividade da safra ficou significativamente acima da observada no ano anterior. Apesar de problemas climáticos pontuais (temperaturas baixas e granizo) ocorridos nos municípios de Rio do Campo, Rio do Sul e Agronômica, que resultaram em redução da produtividade, a maioria das lavouras da região apresentou comportamento esperado e rendimento médio de quase 180 sacas por hectare.

Feijão

João Rogério Alves

Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

A colheita do feijão 2ª safra está tecnicamente encerrada em Santa Catarina. Apenas nas microrregiões de Araranguá, Criciúma e Tubarão ainda há lavouras a serem colhidas. De toda área estadual destinada ao plantio, mais de 90% já está colhida. A produção estadual de feijão 2ª safra é composta basicamente por feijão-preto e feijão-carioca. Desta produção, cerca de 25% é de feijão-carioca, que ocupa cerca de 22% da área cultivada. Os outros 75% da produção é de feijão-preto, que ocupa cerca de 73% da área cultivada na 2ª safra.

Segundo dados da Conab de julho, a qualidade do feijão-carioca colhido foi considerada boa, em razão da baixa umidade durante a colheita. Cerca de 90% do feijão-carioca 2ª safra já foi vendido, em função de os produtores terem acelerado a comercialização para evitar perdas de qualidade durante o armazenamento, principalmente escurecimento do tegumento. Já para o feijão-preto, estima-se que 70% já foi comercializado.

A segunda safra de feijão-preto e carioca, em termos gerais, apresentou boa qualidade. Contudo, a falta de umidade na fase final do cultivo prejudicou o enchimento de grãos, resultando na produção de grãos miúdos, aspecto que prejudicou o rendimento média das lavouras.

No mês de junho, os preços do feijão-carioca despencaram no estado. Na comparação com o mês de maio, a variação foi negativa em 12%, passando de R\$ 110,00 para R\$ 96,67/saca de 60kg. Este comportamento baixista também foi seguido por outras praças, como Paraná (-17%), São Paulo (-12%) e Minas Gerais (-7%). Para o feijão-preto, o preço pago ao produtor pela saca de 60kg em Santa Catarina teve alta de 10,16% no mesmo período; no Paraná baixa de 1,1% e no Rio Grande do Sul queda de 0,4%.

Em relação há um ano, a defasagem dos preços pagos ao produtor pela saca de feijão-carioca, em termos nominais, está em: -42% para Santa Catarina; -46% para o estado do Paraná; -42 para São Paulo e -51% para o estado de Goiás. Para o feijão-preto, entre os estados levantados, essa comparação foi positiva apenas em Santa Catarina, com alta de 10% na comparação entre junho de 2017 e junho de 2018.

Esta queda abrupta nos preços pagos ao produtor no último mês é justificada, em parte, pelo início da colheita da terceira safra, sobretudo nas Regiões Nordeste e Centro-Oeste. Contudo, esta terceira safra está com estimativas de redução de produção, em nível nacional, na ordem de -12,4%. Com o consumo estabilizado, não há fatores sólidos que justifiquem a queda nos preços. Isso nos leva a crer que, no curto prazo, não deveremos ter nenhum fato novo que faça com que os preços ao produtor reajam positivamente. Ao mesmo tempo, o mercado varejista apresenta indicativos de que poderá reajustar os preços para cima, muito mais alavancados pela alta gerada em função da greve dos caminhoneiros, do que por aspectos de mercado, como o aumento da demanda do mercado consumidor.

Feijão – Evolução do preço médios mensal pago ao produtor - safra 2017/18 (R\$/60kg)

Estado	Tipo	Maio/2018	Jun./2018	Variação (%)	Jun./2017	variação (%)
Santa Catarina	Feijão Carioca	110,00	96,67	-12,12	167,89	-42,42
Paraná		103,35	85,65	-17,13	159,49	-46,30
São Paulo		121,05	106,95	-11,65	183,76	-41,80
Minas Gerais		125,68	116,56	-7,26	140,11	-16,81
Goiás		96,89	98,14	1,29	201,92	-51,40
Santa Catarina	Feijão Preto	117,00	128,89	10,16	117,25	9,93
Paraná		116,35	115,08	-1,09	133,23	-13,62
Rio Grande do Sul		127,81	127,35	-0,36	142,64	-10,72

Nota: Feijão-preto, referência Canoinhas/SC. Feijão-carioca, referência SC Joaçaba/SC - Junho/2018.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS, MG, GO e SP).

Na Bolsa de Cereais de São Paulo (BCSP), que registra os preços praticados no mercado atacadista para o principal mercado brasileiro de feijão, no dia 06 de julho a saca de 60kg do feijão-carioca, nota 9,0, foi comercializado a R\$102,50, variação negativa de cerca de 16% em relação ao dia 11 de junho, enquanto o nota 8,5 foi cotado a R\$92,50, queda de cerca de 19%. O comportamento de mercado para o feijão-carioca segue calmo. Já para o feijão-preto, o mercado se manteve estável, sem variação de preço no intervalo de tempo analisado.

Feijão – Preço médio diário do feijão no mercado atacadista de São Paulo

Produto ⁽¹⁾	06/07/2018	11/06/2018	Variação (%)	Mercado ⁽²⁾
Feijão Carioca Extra (9,0)	102,50	121,50	-15,64	Calmo
Feijão Carioca Especial (8,5)	92,50	114,00	-18,86	Calmo
Feijão Carioca Comercial (8,0)	85,00	107,50	-20,93	Calmo
Feijão Preto Extra	152,50	152,50	0,00	Estável
Feijão Preto Especial	140,00	140,00	0,00	Estável

⁽¹⁾ feijão nacional, maquinado, saca 60kg, 15 dias, CIF/SP.

⁽²⁾ comportamento do mercado em 06/07/2018.

Nota 1: Calmo: quando os preços se mantêm ou sofre pequenas oscilações.

Nota 2: Estável: mercado com acentuado movimento, equilíbrio entre a oferta e a procura.

Fonte: Bolsa de Cereais de São Paulo, BCSP.

Neste mês de julho, estamos atualizando nossas estimativas para o feijão 2ª safra 2017/18. Com a colheita tecnicamente encerrada no estado, nossa estimativa final é de que foram cultivados cerca de 22,3 mil hectares, redução de 12% em relação à área cultivada na safra passada. Com isso, tivemos uma diminuição na produção de aproximadamente 21%, passando de 41,6 mil toneladas para cerca de 32,9 mil toneladas.

Esta queda crescente na área plantada de feijão 2ª safra se deve, sobretudo, ao crescimento da área plantada com soja. Neste mês, tivemos um ajuste substancial nas nossas previsões. Nossos agentes de mercado foram a campo e conseguiram realizar as aferições necessárias para identificar essa tendência de redução de área plantado com feijão 2ª safra.

Na segunda safra de feijão 2017/18, na microrregião de Canoinhas foram deixados de plantar cerca de 790 hectares da leguminosa (-21%), na microrregião de Criciúma foram cerca de 800 hectares de feijão 2ª safra, que deram lugar, provavelmente, à soja (-24%), e na microrregião de Xanxerê redução de 5%, que corresponde a cerca de 500ha menos. Em termos estaduais, nesta safra deixaremos de produzir cerca de 8,7 mil toneladas de feijão 2ª safra em Santa Catarina.

Feijão 2ª safra – Comparativo de safras 2016/17 - 2017/18

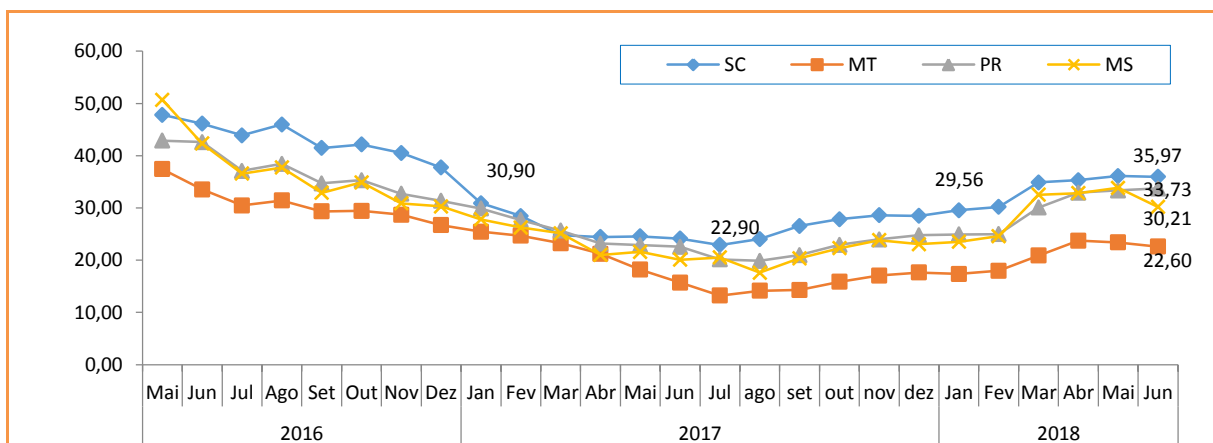
Microrregião	Safr 2016/2017			Estimativa Inicial - Safr 2017/2018			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	717	722	1.007	465	418	900	-35	-42	-11
Canoinhas	3.700	6.030	1.630	2.910	3.699	1.271	-21	-39	-22
Chapécó	2.248	3.582	1.593	2.340	3.645	1.558	4	2	-2
Concórdia	64	98	1.523	95	162	1.705	48	66	12
Criciúma	3.377	3.813	1.129	2.581	3.048	1.181	-24	-20	5
Ituporanga	1.465	2.638	1.801	1.500	1.983	1.322	2	-25	-27
Rio do Sul	629	1.109	1.763	623	800	1.284	-1	-28	-27
São Bento do Sul	220	238	1.080	160	150	940	-27	-37	-13
São M. do Oeste	2.165	3.588	1.657	1.595	2.575	1.614	-26	-28	-3
Tubarão	1.490	1.599	1.073	1.289	1.323	1.026	-13	-17	-4
Xanxerê	9.220	18.207	1.975	8.725	15.100	1.731	-5	-17	-12
Santa Catarina	25.295	41.624	1.646	22.283	32.903	1.477	-12	-21	-10

Fonte: Epagri/Cepa, junho/2018.

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Desde início do ano, os preços do cereal apresentaram uma elevação consistente, com alta de 21,6% de janeiro a junho no estado. No Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná e Santa Catarina as cotações em junho, registraram R\$ 22,60/sc, R\$ 30,21/sc, R\$ 33,73/sc e R\$ 35,97/sc, respectivamente. Em relação à variação frente ao mês anterior, houve comportamento diferenciando entre os estados. Santa Catarina e Paraná apresentaram estabilização dos preços. Por outro lado, no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul aconteceu um recuo de 3,7% e 10,7%, respectivamente, como pode ser visualizado no gráfico abaixo. Este comportamento é analisado no contexto da safra nacional, a seguir. Em Santa Catarina, os valores praticados neste mês continuam sendo os mais elevados desde janeiro de 2017.



Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink.

Milho – Evolução do preço médio mensal ao produtor em Santa Catarina, Mato Grosso, Paraná, Mato Grosso do Sul – 2016 a junho/2018. Corrigido IGPD-I

Safra nacional

Avanço da segunda safra no Brasil pressiona preços internos

A pressão nas cotações do milho tem componentes internos e externos. Internamente, os preços do cereal recuaram, em função do avanço da colheita do milho 2ª safra nos estados de MT e MS e do mercado bastante travado, pela indefinição no valor do frete. No mercado externo, o bom desenvolvimento da safra norte-americana está influenciando negativamente a cotação internacional do cereal. A isso, soma-se a crise comercial entre os EUA e a China. Além disso, nem a alta do dólar no final do mês de junho e início de julho, foi suficiente para segurar os preços internos, em especial nas regiões produtoras no Centro Oeste, se mantiveram abaixo dos praticados em maio. Estas regiões tem perfil exportadora tem forte paridade com o mercado internacional.

Os preços de milho, em junho, recuaram significativamente na maioria das regiões devido à proximidade da entrada do cereal da segunda safra, o que tem afastado os compradores. Neste cenário, a liquidez, no mês, esteve baixa. Em várias regiões do Brasil, os preços, na média, no mercado de balcão (preço pago ao produtor) caíram 9,3% e no disponível (negociações entre empresas) recuaram 12,7% em relação à maio. O Indicador ESALQ/BM&FBovespa (Campinas – SP) registrou considerável queda de 19,4%, fechando a R\$ 36,87/saca de 60 quilos no dia 10 de julho (Figura abaixo)

Contudo, apesar da queda dos preços em junho em vários estados, em Santa Catarina os preços se mantiveram estáveis. Santa Catarina e Rio Grande do Sul encontram-se em período de entressafra, dependemos, daqui para frente, do cereal vindo de outros estados e das importações. Os preços devem se manter bem acima daqueles registrados na safra passada, que registraram R\$ 22,90/sc em julho de 2017 (Gráfico acima). Um dos principais fatores é a quebra da produção de milho segunda safra, em torno de 17%, como reportado no Boletim da CONAB de 10 de jul.2018¹, bem como a diminuição sistemática da área cultivada da primeira safra no Sul do Brasil.



Milho primeira safra Brasil: com a colheita finalizando no Nordeste, a produção está estimada em 26,9 milhões de toneladas, 11,7% inferior à safra passada, influenciada, principalmente, pela redução na área semeada.

Milho segunda safra Brasil: com a colheita em andamento e parte da produção impactada por forte estresse hídrico, a produtividade sofreu significativo impacto, resultando numa produção de 56 milhões de toneladas, 16,9% inferior à safra passada¹.

Panorama estadual

A safra de verão (1ª safra, que é principal) está finalizada. O último levantamento indicou redução de 21,6% frente ao período anterior (2016/17). O rendimento foi menor do que o esperado em função de estiagem no período de floração nas regiões de Campos Novos e no início do plantio em São Miguel do Oeste. Há que se ressaltar que, considerando a média de rendimento das últimas 3 safras, que foi de 7.970 Kg/ha², a atual safra pode ser considerada normal, com produtividade de 8.069 Kg/ha (Figura abaixo).

¹ Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 5 - Safra 2017/18, n.9 - Nono levantamento, junho 2018.

² Informações do Sistema de Acompanhamento de Safras, Epagri/Cepa, 2015-2018.

Microrregião	Safr anterior 2016/17			Safr 2017/18			Variação (%)		
	Área Plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plantada	Quant. Prod.	Rend. Médio
Araranguá	7.209	28.766	3.990	7.734	52.686	6.812	7,3	83,2	70,7
Blumenau	1.567	5.967	3.808	1.899	7.374	3.883	21,2	23,6	2,0
Campos de Lages	36.010	264.126	7.335	33.080	248.812	7.522	-8,1	-5,8	2,5
Canoinhas	32.100	304.670	9.491	28.800	277.180	9.624	-10,3	-9,0	1,4
Chapecó	59.025	521.942	8.843	45.523	376.571	8.272	-22,9	-27,9	-6,5
Concórdia	23.930	201.858	8.435	22.659	164.939	7.279	-5,3	-18,3	-13,7
Criciúma	7.154	42.318	5.915	6.670	45.805	6.867	-6,8	8,2	16,1
Curitibanos	21.608	239.546	11.086	17.360	157.872	9.094	-19,7	-34,1	-18,0
Florianópolis	619	2.299	3.714	359	1.730	4.819	-42,0	-24,7	29,7
Itajaí	53	196	3.698	27	118	4.370	-49,1	-39,8	18,2
Ituporanga	11.120	78.125	7.026	9.072	62.442	6.883	-18,4	-20,1	-2,0
Joaçaba	59.684	630.233	10.560	49.130	407.583	8.296	-17,7	-35,3	-21,4
Joinville	340	1.160	3.412	390	1.544	3.959	14,7	33,1	16,0
Rio do Sul	20.930	129.932	6.208	18.525	125.648	6.783	-11,5	-3,3	9,3
São Bento do Sul	5.000	35.200	7.040	4.400	35.616	8.095	-12,0	1,2	15,0
São Miguel do Oeste	39.500	330.930	8.378	32.685	260.872	7.981	-17,3	-21,2	-4,7
Tabuleiro	3.457	11.801	3.414	2.725	15.737	5.775	-21,2	33,4	69,2
Tijucas	1.705	6.764	3.967	480	1.774	3.696	-71,8	-73,8	-6,8
Tubarão	4.696	22.990	4.896	5.185	31.868	6.146	10,4	38,6	25,5
Xanxerê	27.280	288.392	10.572	19.280	192.708	9.995	-29,3	-33,2	-5,5
Santa Catarina	362.987	3.147.214	8.670	305.983	2.468.879	8.069	-15,7	-21,6	-6,9

Fonte: Sistema de Acompanhamento de safr. Epagri/Cepa.

Milho – Milho 1ª Safr – Safr 2017/18 e comparativo safr anterior 2016/17

Microrregião	Safr 2016/17			Safr 2017/18			Variação (%)		
	Área Plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant.	Quant. Prod.	Rend. Médio
Araranguá	880	4.418	5.021	910	5.389	5.922	3,4	22,0	17,9
Chapecó	5.904	33.233	5.629	5.594	39.775	7.110	-5,3	19,7	26,3
Concórdia	700	3.180	4.543	700	4.900	7.000	0,0	54,1	54,1
Criciúma	1.066	5.881	5.517	864	4.728	5.472	-18,9	-19,6	-0,8
São Miguel do Oeste	5.910	29.470	4.986	7.145	35.628	4.986	20,9	20,9	0,0
Tubarão	894	4.975	5.564	904	5.053	5.590	1,1	1,6	0,5
Xanxerê	720	4.482	6.225	650	4.470	6.877	-9,7	-0,3	10,5
Santa Catarina	16.074	85.639	5.328	16.767	99.944	5.961	4,3	16,7	11,9

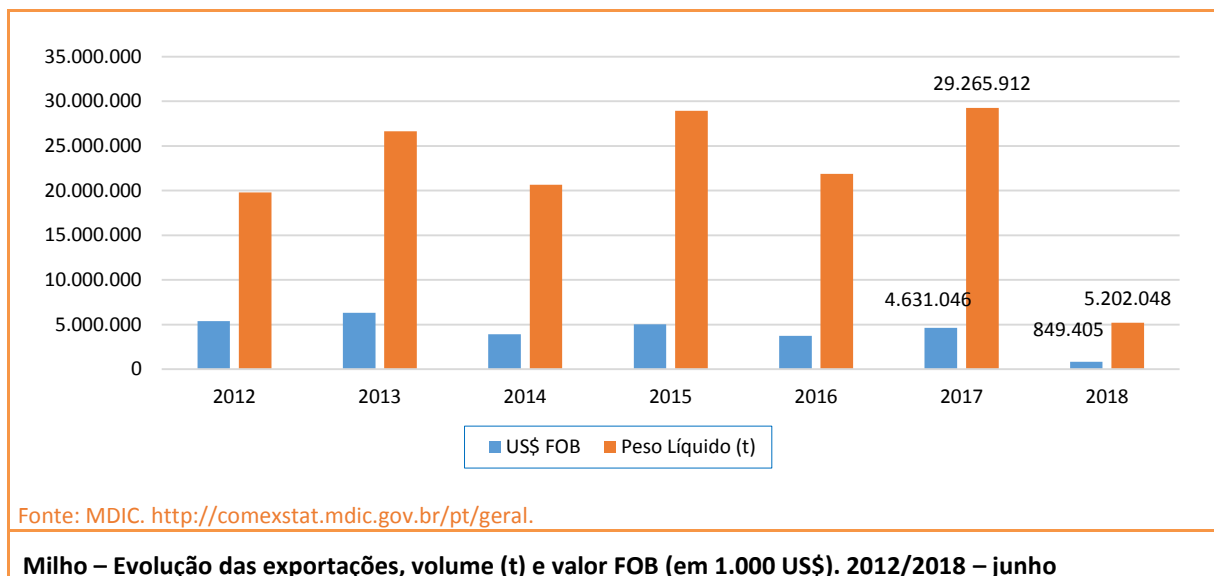
Fonte: Sistema de Acompanhamento de safr. Epagri/Cepa.

Milho – Milho 2ª Safr – Safr 2017/18 e comparativo safr anterior 2016/17

Exportações de milho: Em 2017, o Brasil exportou mais de 29 milhões de toneladas de milho, um volume recorde, conforme gráfico abaixo. Até junho deste ano foram exportadas um pouco mais de 5 milhões de toneladas. A soja também está com sua comercialização travada, em função do imbróglio das tabelas de frete, o que poderá afetar as exportações de milho segunda safr. Mesmo assim, estima-se que as exportações de milho da safr 2017/18 sejam próximo de 30 milhões de toneladas.

No mercado nacional, a comercialização também está travada devido aos altos preços de frete, que alcançam valores 30% maiores que a média praticada no mesmo período dos últimos anos.

Com uma produção total estimada pela Conab em 82,93 milhões de toneladas e um consumo de 59,84 milhões de toneladas, os estoques finais de milho para a safra 2017/18 deverão ser de 10,83 milhões de toneladas³, um pouco menor do que a estimativa anterior.



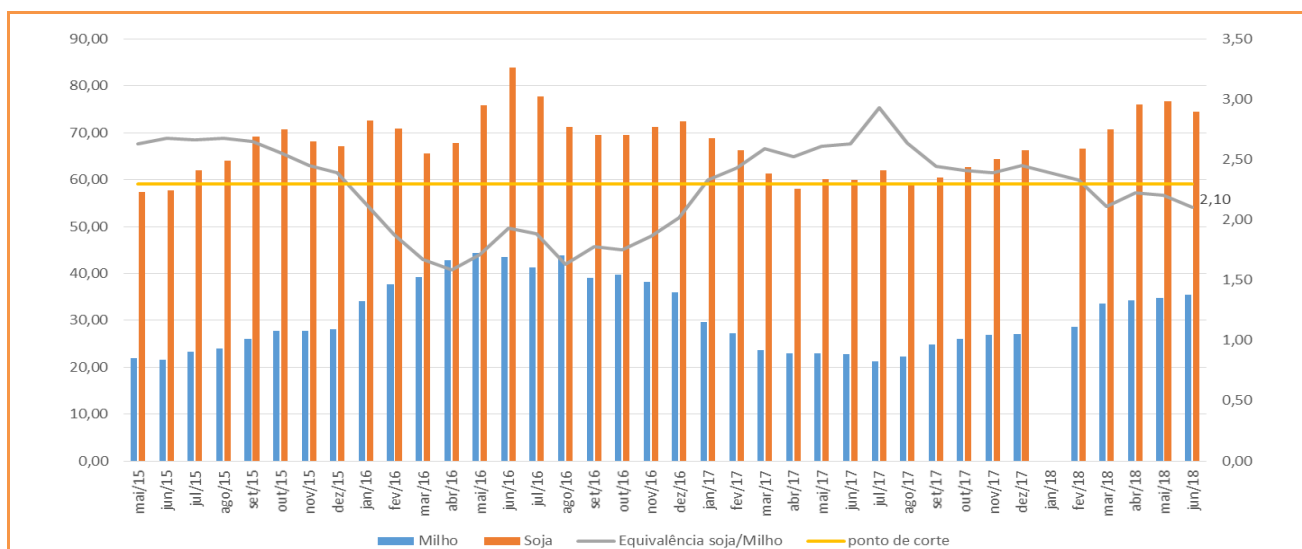
Relação soja/milho

Principal concorrente por área de cultivo na safra de verão, a soja vem apresentando crescimento constante na área cultivada no Estado, em terras antes destinadas ao milho, feijão, pastagens e outras culturas. Em função da demanda internacional e pela sua liquidez, a soja vem sendo opção rentável aos produtores. De modo geral, o preço é um dos principais componentes na tomada de decisão dos produtores. Com um ponto de corte da relação soja/milho de 2,3; a soja sai favorecida na relação de preço com o milho em muitas ocasiões, ou seja, quando o preço da soja ultrapassa em 2,3 vezes o do milho. No entanto, nos últimos quatro meses, com o preço do milho fortalecido, este toma força na comparação quanto a competitividade. Com o preço base de junho, a relação ficou em 2,10 (Gráfico). Obviamente que este é um critério geral fundamentado em preço, existindo particularidades para cada região de plantio. O risco da cultura também deve ser levado em consideração. Contudo, é um sinal que o milho pode estar competitivo para próxima safra, pois a primeira safra no Sul do Brasil vem diminuindo sistematicamente nos últimos anos, podendo ocasionar problemas de abastecimento, associado ao volume de exportações do final ano.

Expectativas:

Há informações que, algumas Agroindústrias no sul do Brasil estão ofertando contrato de compra futura para fevereiro/março de 2019, ofertando preço de R\$ 35,00/saca de milho. O que trás uma perspectivas satisfatória para os preços continuarem no patamar daqueles praticados neste ano. Isto poderá incentivar o plantio do milho no Sul do Brasil, uma vez que a área cultivada com o cereal nos últimos anos tem retraído em mais de 10%, como por exemplo nesta safra que agora se encerra, 2017/19.

³ Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 5 - Safra 2017/18, n. 10 - Décimo levantamento, julho 2018. p133



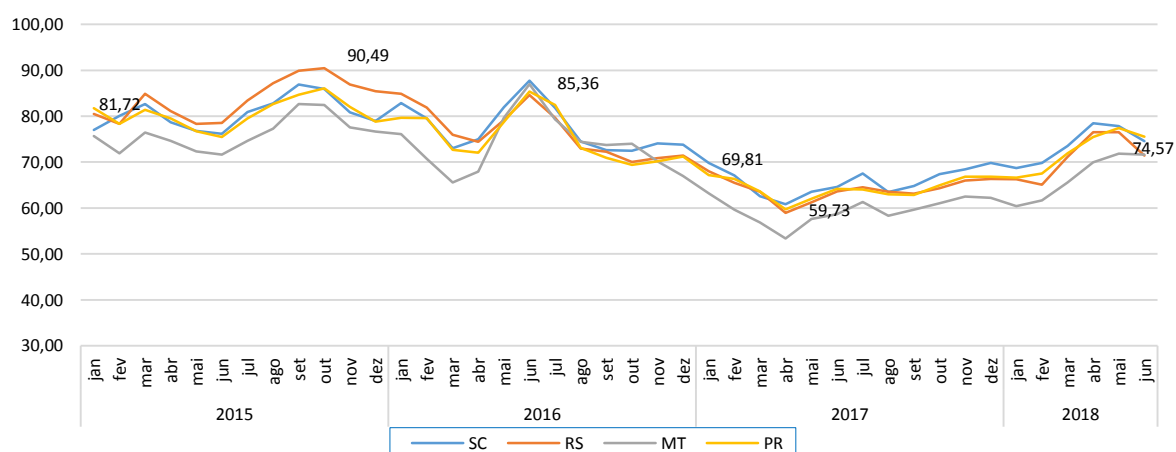
Fonte: Epagri/Cepa.

Milho/Soja – Evolução da relação soja/milho 2015-2018 (relativo preços R\$/saca, praça Chapecó)

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Após uma série de quatro meses consecutivos de elevação, em junho houve queda na cotação dos preços da soja pagos aos produtores, registrando R\$ 71,60; R\$ 75,55 e R\$ 71,39 (saca de 60 kg) no Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul, respectivamente. Em comparação com o mês de maio, os preços tiveram um recuo médio de 3,12% nestes Estados. No comparativo com o mês de maio de 2017, a variação média dos preços nos principais estados produtores (MT, PR e RS) foi de 17,58%. Em Santa Catarina, os preços apresentaram comportamento semelhante, com reajuste de - 4,18% entre maio e junho/18, com a saca cotada a R\$ 74,57. Mesmo com este recuo em junho, os preços praticados são os maiores desde julho de 2016.



Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink (MT, PR, RS).

Soja – Preço médio mensal pago ao produtor - MT, PR, RS e Santa Catarina – 2016 a junho 2018. Corrigido IGP-DI

Panorama regional

A produção de soja em Santa Catarina na safra 2016/17 foi de 2,41 milhões de toneladas, em 658 mil hectares cultivados. A colheita da safra 2017/18 está encerrada, confirmando a expansão na área cultivada com a leguminosa, com incremento de 3,9% em relação à safra 2016/17. Assim, deverá alcançar, com o ajuste da área cultivada na atual safra em algumas regiões (julho), 684 mil hectares cultivados, com produção de 2,45 milhões de toneladas, conforme tabela abaixo. No entanto, em termos de rendimento, houve redução de 2% em relação à safra anterior. Problemas pontuais de estiagem na Região de Lages e ocorrência de “mofo branco” em Campos Novos e Planalto Norte, justificam a redução da produtividade, conforme pode ser observado na tabela anterior. Mesmo assim, a produção total do estado deverá ser superior à safra anterior em 1,9%, em função do crescimento da área cultivada. Este aumento na área cultivada decorre da redução da área plantada com milho, pastagens, fruticultura, feijão e outras culturas, ao longo dos anos.

Cabe o registro da importância de o planejamento para próxima safra incluir a rotação de culturas nas áreas cultivadas com soja, para redução de inóculo e do manejo conservacionista do solo/plantio direto.

Soja – Área, produção e rendimento por Microregiões produtoras - safra 2016/17 comparativo 2017/18									
Microrregião	Safra 2016/17			Safra 2017/18			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Campos de Lages	59.770	199.292	3.334	62.230	222.758	3.580	4,1	11,8	7,4
Canoinhas	131.600	501.870	3.814	129.800	450.720	3.472	-1,4	-10,2	-8,9
Chapecó	88.512	292.035	3.299	92.941	300.866	3.237	5,0	3,0	-1,9
Concórdia	5.617	20.309	3.616	5.330	19.855	3.725	-5,1	-2,2	3,0
Curitibanos	107.680	448.976	4.170	113.008	438.490	3.880	4,9	-2,3	-6,9
Ituporanga	7.690	30.174	3.484	8.240	34.140	4.143	7,2	13,1	5,6
Joaçaba	57.010	237.675	4.169	67.664	255.994	3.783	18,7	7,7	-9,3
Rio do Sul	3.935	13.709	3.484	4.015	15.721	3.916	2,0	14,7	12,4
São Bento do Sul	15.000	49.900	3.327	11.500	37.020	3.219	-23,3	-25,8	-3,2
São Miguel do Oeste	42.790	128.454	3.002	41.277	137.399	3.329	-3,5	7,0	10,9
Xanxerê	138.650	491.408	3.544	148.040	545.578	3.685	6,8	11,0	4,0
Santa Catarina	658.254	2.413.801	3.667	684.045	2.458.541	3.594	3,9	1,9	-2,0

Fonte: Epagri/CEPA, Sistema Acompanhamento Safras, Jul. 2018.

Panorama nacional

A produção de soja alcança recorde de 118,9 milhões de toneladas. A estimativa de 35,2 milhões de hectares semeados na atual safra é 4,2% superior ao cultivado na safra 2016/17 e 69,9% maior do que a safra 2006/07, reafirmando o décimo primeiro aumento consecutivo na área total cultivada com a oleaginosa⁴.

Fatores determinantes de mercado no período

- **A alta do dólar em relação ao real** principal fator que manteve os preços da soja no Brasil em maio e junho.
- **Relatório divulgado pelo USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) apresentado no dia 10 de julho:** alguns dos números mais esperados são os referentes à safra 2018 norte-americana. Até o momento, o clima está favorável para as fases iniciais de plantio e desenvolvimento vegetativo, gerando boas expectativas de rendimento. O mercado sente a pressão de um significativo aumento da safra americana e de seus estoques finais, ao mesmo tempo em as exportações dos EUA na safra 2018/19 reduziram 5 milhões de toneladas.
- **China x USA:** ainda repercutem no mercado as relações comerciais entre China e USA. Com isso, o produtor brasileiro ganha a preferência na compra da soja pela China;
- **Apesar de a safra atual ser considerada muito boa** em termos de rendimento na maioria dos estados, o fator negativo estão sendo os efeitos da greve dos caminhoneiros, que ainda repercute com a indefinição dos preços do frete. Os negócios em junho/18 continuaram travados. Isto repercute no ritmo das exportações. Uma solução deste imbróglio é urgente para destravar as exportações de soja, que, apesar de tudo, deverão acontecer em volumes superiores aos anos anteriores.

⁴Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 5 - Safra 2017/18, n.10 - Décimo levantamento, julho 2018.

Perspectivas:

Há um quadro preocupante em relação à próxima safra, apesar dos preços do produto da safra atual estarem satisfatórios, muito em função do câmbio e dos prêmios para a soja brasileira, que estão beneficiando a cotação internamente. No entanto, os preços internacionais estão em queda. No início de março (9/03/18) a soja estava cotada em US\$ 10,30/Bushel⁵, enquanto que no início de julho (9/07/18) era cotada a US\$ 8,52/Bushel. Por outro lado, a composição dos custos para próxima safra estão sentindo reflexo da variação deste mesmo câmbio. Com isto, os preços dos insumos estão preocupando. Os fertilizantes tiveram elevação de preços em alguns itens superior a 20%, de abril/18 até o momento. Como exemplo, uma das principais formulações de adubo da soja (2-20-20), que em abril deste ano custava R\$ 61,23 a saca, no início de julho tem preço de R\$ 74,00⁶, aumento de 20,8%. Ou seja, o produtor estará compondo seus custos com o dólar em alta (fertilizantes e outros insumos importados). A logística dos insumos se soma aos fatores preocupantes. O imbróglio do tabelamento dos fretes poderá atrasar o planejamento da próxima safra. Assim, devido aos fatores listados acima, o mercado vive momentos de insegurança. Contudo, a soja ainda mantém um certo lastro entre custo variável e preço. Além disso, o mercado Chinês deverá continuar demandando pela leguminosa, o que faz a cultura continuar sendo atrativa para os produtores, motivo pelo qual mantém crescimento da área cultivada no Brasil nos últimos 10 anos.

⁵ Soja - Bolsa de Chicago. Fonte: CME Group

⁶ Preços Médios de Insumos e Fatores de Produção de Santa Catarina - Fevereiro de 2007 a Abril de 2018. Epagri/CEPA.

Trigo

João Rogério Alves

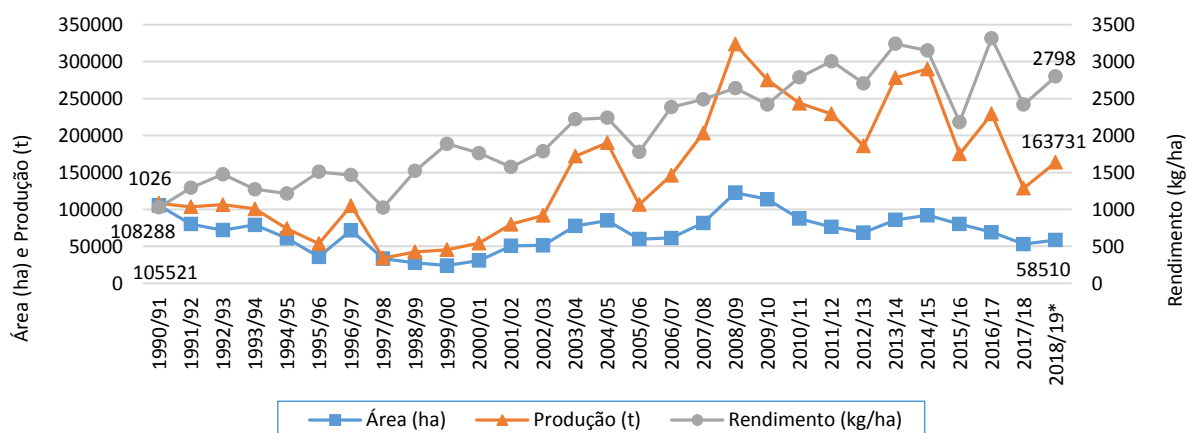
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa

joaoalves@epagri.sc.gov.br

Em Santa Catarina, até a primeira semana de julho cerca de 70% das áreas destinadas ao plantio de trigo para a safra 2018/19 já foram semeadas. As microrregiões mais adiantadas são Canoinhas, São Bento do Sul, Rio do Sul e Ituporanga, onde o plantio praticamente já encerrou. Nas microrregiões mais frias, como o Planalto Serrano e Meio Oeste, que tradicionalmente plantam trigo mais tarde, o plantio já alcançou cerca de 35% da área estimada de cultivo. Já nas microrregiões de Chapecó, Concórdia e Xanxerê, a semeadura foi realizada em cerca de 70% das áreas de plantio. No mês de junho não tivemos variações significativas em relação à estimativa inicial, lançada no mês passado. Assim, permanece a expectativa de crescimento, em relação à safra passada, da área plantada em 10%, da produção em 27% e da produtividade média em cerca de 16%.

Com custos de produção referencial girando em torno de R\$ 37,00/saca de 60kg no mês de maio e preços médios, para o mês de junho, de R\$ 42,78, os produtores poderão ter uma margem bruta de até 16%, percentual que corresponde a uma sobra de R\$ 345,00/ha. Para que isso se confirme, é importante destacar que o produtor deverá alcançar uma produtividade média de 60 sacas de trigo grão por hectare e os preços deverão manter as atuais cotações, ou seja, acima de R\$ 43,00. Trata-se de uma projeção. Por isso, inúmeros fatores poderão influenciar o resultado final de comercialização da produção. Dentre esses fatores, podemos citar o clima, as cotações internacionais do trigo, ocorrência de pragas e doenças, entre outros.

Apesar do bom momento em termos de preços, a baixa rentabilidade do cultivo observado nos últimos anos, aliada à sensibilidade da cultura a mudanças climáticas, tem desestimulado produtores a investir na triticultura. Mesmo com a ação de algumas cooperativas no estado, em garantir um preço mínimo para determinados tipos de trigo e padrões de qualidade de grão, a área cultivada continua bastante tímida. Nos últimos 20 anos, analisando os extremos da série selecionada, podemos observar que a redução na área de trigo do estado chega a 45%. Por outro lado, a produção aumentou cerca de 51% e o rendimento médios cresceu cerca de 173%, fruto do investimento dos produtores em material genético e insumos.



Fonte: Epagri/Cepa.

Trigo Grão – Evolução de área, produção e rendimento – safra 1990/91 a 2018/19

Outro aspecto que podemos associar à redução do interesse dos produtores em investir no trigo, diz respeito ao acesso às linhas de créditos oficiais de custeio para a atividade. Segundo apuramos junto a dados do Banco Central (Bacen), até o início de julho produtores catarinense realizaram cerca de 582 operações de crédito de custeio para a cultura do trigo. Destas, cerca de 66% são via linha de crédito Pronaf, que comprometeram cerca de 27% dos recursos tomados em empréstimo. Para a linha de crédito Pronamp, foram comprometidos cerca de 21% dos recursos, com 119 contratos (20%). As demais linhas de crédito, voltados a grandes produtores (maiores áreas), absorveram cerca de 52% dos recursos alocados em custeio de trigo, valor que representa cerca de 14% do número total de contratos. Esses números são parciais, pois muitos produtores ainda não iniciaram os plantios e poderão tomar empréstimos de custeio de instituições financeiras.

Trigo – Quantidade e valor dos contratos de custeio em Santa Catarina – 01/01/2018 a 03/07/2018

Recursos Custeio	Safrá 2018/19				
	Contratos (Nº)	Valores (R\$)	Valor médio (R\$/contrato)	Contratos (%)	Valores (%)
Pronaf	383	9.391.218,50	24.520,15	65,81	27,02
Pronamp	119	7.414.509,15	62.306,80	20,45	21,33
Demais linhas custeio	80	17.951.443,25	224.393,04	13,75	51,65
Total Santa Catarina	582	34.757.170,90	59.720,22	100,00	100,00

Fonte: Bacen, extraído em 03/07/2018.

Quanto aos preços, o mercado manteve tendência altista nos valores pagos aos produtores. No Paraná, segundo o Deral/PR, o produtor recebeu, no mês de junho, R\$ 46,6/saca de 60kg pelo trigo de boa qualidade, aumento de cerca de 10,0% em relação ao mês de maio. Em relação ao ano passado, os preços estão superiores em cerca de 43%. No Rio Grande do Sul, os preços pagos aos agricultores tiveram um aumento de 5,8% no mês de junho em relação à maio, passando de R\$ 38,36 para R\$ 40,60/saca de 60kg. Em Santa Catarina, os preços médios recebidos pelos agricultores produtores de trigo subiram cerca de 9,4% nesse mês, ficando em R\$ 42,78/saca de 60kg, contra R\$ 39,12/saca de 60kg praticados no mês anterior. Na comparação com o ano passado, para o mês de junho os preços, em termos nominais, estão cerca de 28,0% maiores.

Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor safra 2017/18 – R\$/saca de 60kg

Estado	Mai/18	Junho/18	Variação mensal (%)	Junho/17	Variação anual (%)
Santa Catarina	39,12	42,78	9,36	33,42	28,01
Paraná	42,39	46,59	9,91	32,63	42,78
Rio Grande do Sul	38,36	40,60	5,84	30,03	35,20
São Paulo	55,94	64,31	14,96	38,78	65,83

Nota: SC e PR - Trigo Pão PH78, RS e SP - Trigo em Grão Nacional.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS e SP). Junho/2018.

De forma geral, a campo as lavouras estão apresentando bom desenvolvimento e boa sanidade. Em algumas regiões, o excesso de chuvas levam os produtores a ficar atentos à adubação nitrogenada. O excesso de chuvas provoca lixiviação da adubação (que pode ser traduzida em perdas de adubação), promovendo amarelecimento das plantas o que pode comprometer o perfilhamento das plantas, por isso os produtores estão mobilizados para aplicação de fertilizante nitrogenado em cobertura. Nas regiões em que as lavouras estão mais adiantadas, a preocupação é com a amplitude térmica, ou seja, grandes variações entre as temperaturas mínimas e máximas e variações em relação a umidade relativa do ar. Esses fatores combinados podem gerar condições ideais para o surgimento de doenças fúngicas, como oídio e brusone. Portanto, os produtores devem intensificar o monitoramento das lavouras e, se for necessário, realizar os tratamentos fitossanitários recomendados pela pesquisa.

No último mês, as operações de plantio se intensificaram, chegando no mês de julho com cerca de 70% da área destinada ao plantio de trigo já semeadas. Nossas estimativas foram atualizadas neste segundo mês de acompanhamento da safra 2018/19 e percebemos uma redução na intenção de plantio por parte dos produtores. Em comparação com a safra passada, estimamos que teremos um incremento de apenas 2% na área plantada. Já o rendimento médio esperado deverá sofrer um considerável incremento, passando de cerca de 40 sacas de 60kg/ha, safra 2017/18, para cerca de 54 sacas na safra 2018/19. Assim, a expectativa é de que teremos um aumento no volume de produção da ordem de 36%, passando de 128,6 mil toneladas para 174,7 mil toneladas na safra 2018/19.

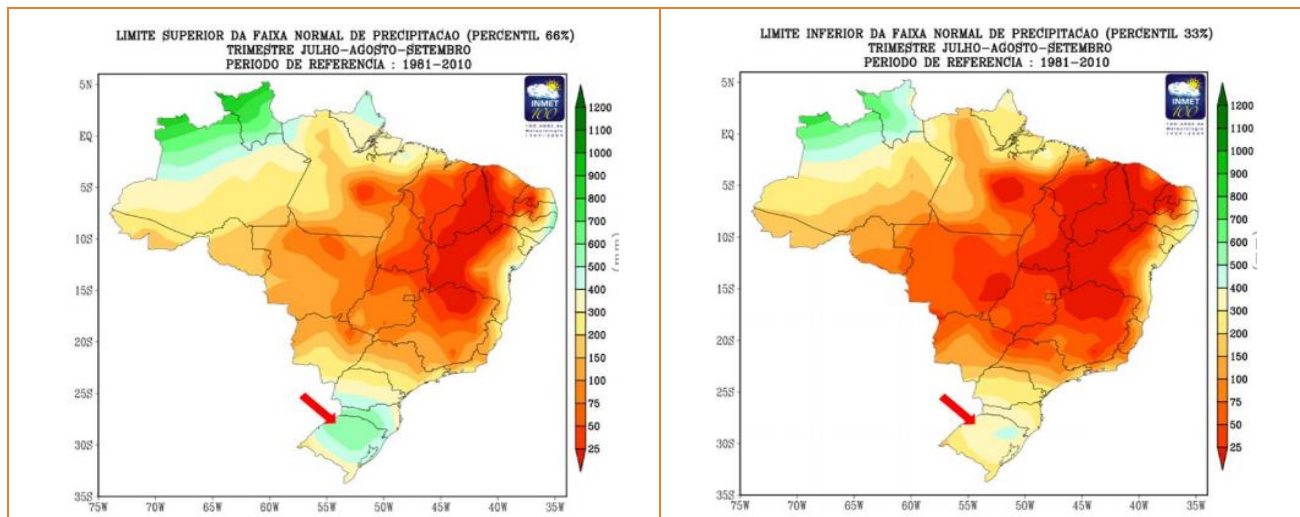
Trigo Grão – Comparativo safra 2017/18 e Estimativa inicial safra 2018/19

Microrregião	Safra 2017/18			Estimativa inicial Safra 2018/19			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Campos de Lages	540	1.150	2.130	450	959	2.130	-17	-17	0
Canoinhas	9.580	27.957	2.918	12.190	44.446	3.646	27	59	25
Chapecó	14.030	34.722	2.475	12.049	33.735	2.800	-14	-3	13
Concórdia	915	2.246	2.455	906	2.429	2.681	-1	8	9
Curitibanos	7.510	16.002	2.131	7.500	29.250	3.900	0	83	83
Ituporanga	505	1.054	2.086	795	2.815	3.541	57	167	70
Joaçaba	3.440	7.512	2.184	3.260	12.599	3.865	-5	68	77
Rio do Sul	225	485	2.156	290	713	2.459	29	47	14
São Bento do Sul	150	357	2.383	230	690	3.000	53	93	26
São Miguel do Oeste	2.507	6.511	2.597	2.987	7.972	2.669	19	22	3
Xanxerê	13.795	30.570	2.216	13.565	39.153	2.886	-2	28	30
Outras ⁽¹⁾	20	36	1.800						
Santa Catarina	53.217	128.602	2.417	54.222	174.760	3.223	2	36	33

⁽¹⁾ Safra 2017/18: dados da MRG de Blumenau.

Fonte: Epagri/Cepa, junho/2018).

As figuras abaixo mostram os valores históricos da precipitação acumulada ao longo do trimestre julho, agosto e setembro, correspondentes aos limites inferior e superior do tercil médio da distribuição climatológica (faixa normal). Podemos concluir que para a Região Sul do País existe probabilidade de 40% de que as chuvas acumuladas fiquem abaixo de 300 mm neste trimestre. Do mesmo modo, a probabilidade de que chuva exceda 600 mm é de 25%. Em resumo, a probabilidade prevista de que a chuva acumulada para a região indicada no mapa (seta vermelha) fique entre 300 mm e 600 mm, é de aproximadamente 35%.



Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Nova safra catarinense de alho: perspectivas de manutenção da área da safra passada

A safra que acaba de ser comercializada foi desafiadora aos produtores catarinenses. Problemas climáticos durante o desenvolvimento da cultura, resultaram na produção de bulbos de calibre menor, afetando a aceitação do produto no mercado, embora a qualidade e características intrínsecas ao produto tenham sido muito boas. Além desta condição propiciada pela falta de chuvas no período crítico do desenvolvimento da cultura, a comercialização da safra catarinense foi de grandes dificuldades para os produtores. O aumento generalizado da área plantada no Brasil e em diversos países produtores acarretou grande oferta do produto no mercado, contribuindo decisivamente para a queda dos preços pagos aos produtores.

Por outro lado, mesmo com as adversidades que os produtores enfrentaram na safra ora concluída, segundo a Epagri/Cepa a tendência é que a área plantada para a próxima safra no estado de Santa Catarina não seja inferior a safra passada, permanecendo próximo de 2.500ha.

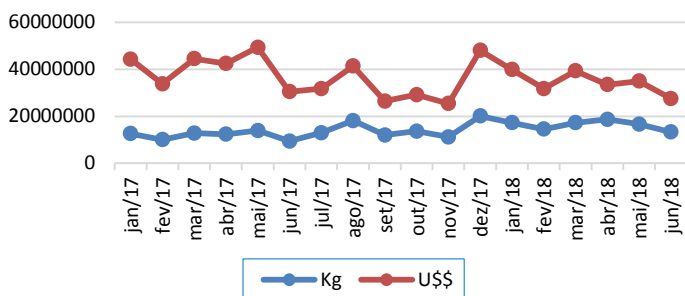
A participação de Santa Catarina representou aproximadamente 22% da área cultivada na safra 2017 no Brasil, segundo dados do IBGE. O estado teve um incremento na área plantada de aproximadamente 20%. Registre-se que este comportamento foi muito semelhante no Brasil e nos principais países produtores, que, por outro lado, tiveram safras consideradas normais, refletindo em grande oferta internacional do produto e sendo a principal causa da queda de preços na safra finalizada.

Em relação aos preços pagos aos produtores, a safra, de forma geral, foi comercializada com preços que giraram de R\$ 0,50 a R\$ 1,00/kg abaixo da classe (Ex.: alho classe 5,00 - seu preço ficou em R\$ 4,00/Kg e assim por diante). Esta conjuntura de mercado levou os produtores a comercializarem a safra com valor abaixo do custo de produção.

Em Santa Catarina, a hortaliça é produzida basicamente por agricultores familiares, que utilizam pequenas áreas e intensa demanda de mão-de-obra familiar. Nos picos de demanda de trabalho é usada mão-de-obra local contratada ou mesmo vinda de diversas regiões do país. Dentre outras, estas características da produção catarinense de alho refletem o nível de importância socioeconômica da cultura para o Estado.

O mercado brasileiro do alho tem significativa participação de produto importado, chamando a atenção o crescimento da importação do produto desde o início deste ano. No quadro comparativo, percebe-se que de janeiro a dezembro de 2017 foram internalizadas 159,20 mil toneladas, contra um volume de 172,97 mil toneladas em 2016, representando uma queda de 8%.

Por outro lado, comparando-se os volumes importados no primeiro semestre de 2018 (Tabela) com o mesmo período dos anos anteriores, percebe-se que neste ano as importações são superiores, exceto no mês de junho. O volume total alcançado no semestre é pouco acima de 97 mil toneladas de produto importado, representando significativo aumento em relação aos anos anteriores.



Fonte: Comexstat/MDIC: julho/2018.

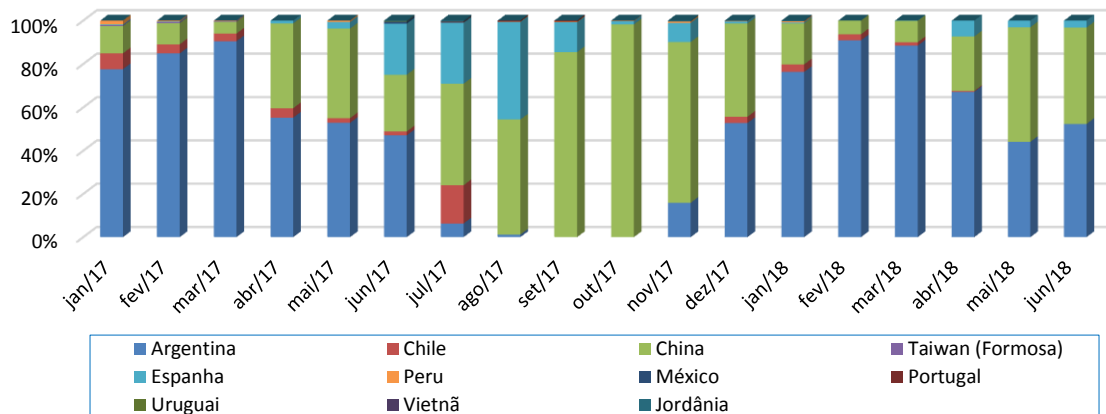
Importação de alho pelo Brasil mês a mês - 2017 e jan.-jun./2018

pequeno aumento, atingindo US\$ 1,09/Kg. No mês de junho, o preço teve redução em relação a maio, tendo preço FOB registrado US\$ 1,06/kg.

A conjuntura do mercado brasileiro de alho pode ser mais bem compreendida se observarmos os preços médios FOB registrados para o produto importado no primeiro semestre de 2017, quando atingiram preços de US\$ 2,22 a US\$ 2,54/kg. Desta forma, fica claro que o mercado internacional influenciou decisivamente nos resultados econômicos e nas dificuldades de mercado que os produtores enfrentam.

O volume total de alho importado pelo Brasil no mês de junho foi de 13,33 mil toneladas, com valor total FOB de US\$ 14,17 milhões, conforme pode ser visto na figura acima.

Na figura abaixo, apresentam-se os países fornecedores de alho ao Brasil. No mês de junho de 2018, o principal fornecedor foi a Argentina, com 6,98 mil toneladas, perfazendo 52,36% do total do alho importado, seguido pela China, com 5,91 mil toneladas, atingindo 44,33%, e a Espanha, com 0,42 mil toneladas, equivalente a pouco mais de 3 % do total importado.



Fonte: Comexstat/MDIC: julho/2018.

Participação (%) dos países fornecedores de alho ao Brasil - jan. a dez. 2017 e jan./jun./2018

A conjuntura recente do mercado de alho contrasta fortemente com 2016 e 2017, quando houve a internalização de 172,97 mil toneladas de alho, a um preço médio FOB de US\$ 1,89/kg, e 159,20 mil toneladas de alho, com preço médio FOB de US\$ 1,80/kg, respectivamente. Já em 2018, o quadro mudou drasticamente, pois quando comparamos com os números do primeiro semestre deste ano com os anos anteriores, o preço médio FOB registrado por kg de alho importado foi de US\$ 1,115, uma queda importante de 36,1 % em relação a 2017 e de 41% em relação a 2016.

Brasil - Importações de alho – 2016-18 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2016	17,01	16,80	16,73	15,43	14,08	15,92	19,95	15,89	11,87	6,03	9,06	14,20	172,97
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20
2018	17,24	14,53	17,28	18,65	16,67	13,33	-	-	-	-	-	-	97,70

Fonte: Comexstat/MDIC: julho/2018.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Nova safra catarinense de cebola em ritmo de plantio

A safra catarinense 2017 foi totalmente comercializada e com balanço considerado positivo por produtores e cadeia produtiva em geral. Mesmo tendo enfrentado problemas climáticos em seu desenvolvimento e, como consequência, produção de bulbos de menor calibre, a comercialização da safra passada foi considerada normal e até surpreendeu positivamente na sua reta final, quando os preços reagiram significativamente.

Essa conjuntura gerou ambiente favorável, em termos de perspectivas, ao conjunto da cadeia produtiva da cebola para a nova safra que está sendo implantada em Santa Catarina. Dessa forma, estima-se que a área a ser plantada não deverá ser menor que a safra passada, permanecendo em pouco mais de 20mil hectares.

Em todas as regiões tradicionais de produção de cebola de Santa Catarina, o plantio da nova safra está em pleno andamento, segundo levantamento de campo da Epagri/Cepa. As variedades precoces já foram transplantadas, cuja área cultivada é estimada em 10% da área total que deverá ser plantada.

Atualmente, os materiais mais tardios, como as variedades crioulas, estão sendo transplantados nas regiões de Ituporanga e Rio do Sul, especialmente.

Nestas regiões, com a predominância de temperaturas mais elevadas no período recente, houve aceleração no desenvolvimento das mudas, antecipando as condições adequadas para coloca-las a campo.

Nas regiões de Rio do Sul e Ituporanga, estima-se que o transplante já tenha sido realizado em aproximadamente 17% da área destinada às variedades crioulas,.

Em relação ao mercado, após o forte impacto da paralização dos caminhoneiros, o abastecimento da hortaliça foi gradativamente voltando à normalidade.

Nesse período, enquanto Santa Catarina finalizava a comercialização da safra, as regiões do centro do país, como Divinolândia (SP) e Cristalina (GO) em plena colheita e o triângulo mineiro em início, tiveram grande oportunidade de mercado, alcançando bons preços para o produto, como informou o Hortifruti/Cepea. Nessas regiões, o preço médio chegou a R\$ 46,89/sc de 20 kg da caixa 3 beneficiada, um aumento de 159% em relação à safra passada.

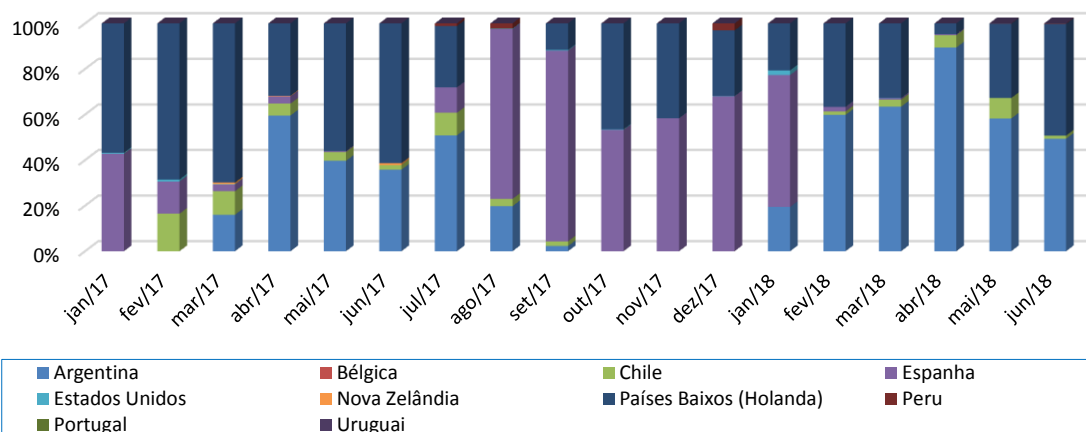
No decorrer do mês de junho, o mercado foi se acomodando, puxado pela normalização da distribuição e abastecimento nos pontos de venda.

Ao atingir o pleno abastecimento no período, os preços tiveram importante redução nas últimas semanas do mês, segundo Hortifruti/Cepea. Nesse sentido, na região de Irecê (BA) a hortaliça foi cotada a R\$ 1,16/kg na lavoura em meados do mês, reflexo da queda do preço de atacado nos principais centros consumidores.

Na Central de Abastecimento Ceasa/SC, unidade de São José – SC, o preço da cebola oscilou para baixo no início da segunda quinzena do mês de junho para a primeira semana do mês de julho, quando o preço da cebola nacional teve queda de R\$ 55,00 /sc R\$ 35,00 /sc de 20 kg, uma queda de 36% no período. Na mesma central, o produto importado teve redução de R\$ 60,00/sc de 20 kg, para R\$ 30,00/sc, uma redução de 50%, valor muito abaixo do pico de R\$ 3,50/kg atingido no final do mês de maio, por ocasião do movimento paralista dos caminhoneiros.

Situação semelhante ocorreu na Ceagesp, principal central nacional de abastecimento. Naquela unidade, a cebola nacional atingiu até R\$ 4,15/kg no final do mês de maio e fechou o mês de junho a R\$ 2,31/kg, uma redução de 44,33% para a cebola nacional. A cebola importada de origem argentina, teve queda, no mesmo período, de 37,16%, saindo de seu pico de R\$ 5,14/kg e fechando o mês de junho a R\$ 3,23/kg.

Quanto a importação de cebola para o Brasil, no mês de junho a entrada foi comandada pelas cebolas argentina, holandesa e, em pequena quantidade, pelo produto chileno, como pode ser visto no Gráfico 1.

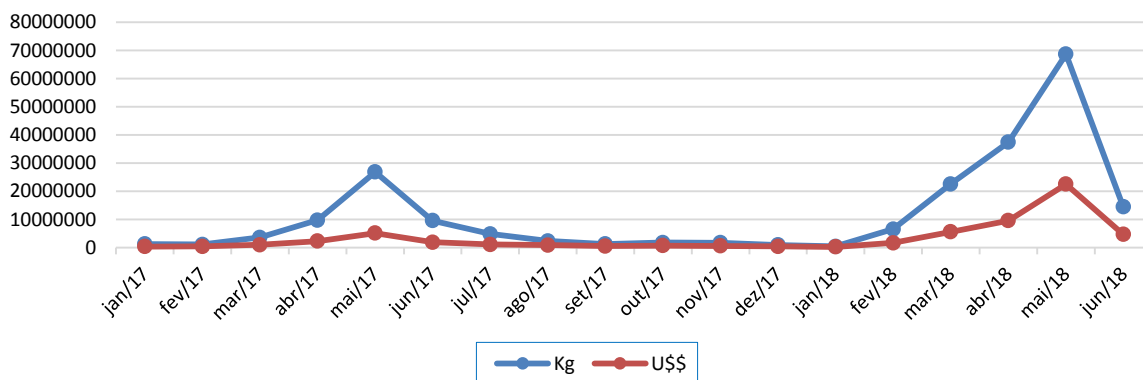


Fonte: Comexstat/MDIC – julho/2018.

Figura 1 - Participação (%) dos Países fornecedores de cebola ao Brasil – 2017 – jan./jun-2018

No mês de junho, em termos de volume importado os números são bem inferiores aos do mês de maio, quando foram importadas mais de 68 mil toneladas. No mês em análise, foram internalizadas pouco mais de 14 mil toneladas, uma significativa redução de 78,99%.

Em termos de valores, o dispêndio foi de U\$ 4,65 milhões, preço FOB, para um volume de 14,42 mil toneladas. O custo médio foi de U\$ 0,322/kg, valor praticamente igual ao mês anterior, que foi de U\$ 0,327/kg.



Fonte: Comexstat/MDIC – julho/2018.

Figura 2 - Importação de cebola pelo Brasil mês a mês - 2017 e jan./jun. - 2018

No mês de junho, como pode ser observado, houve recuo no volume importado em relação ao mês de maio, com isso reposicionando as entradas de cebola estrangeira para volumes mais próximos dos patamares históricos para o período, como pode ser observado na Figura 2.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre.giehl@epagri.sc.gov.br

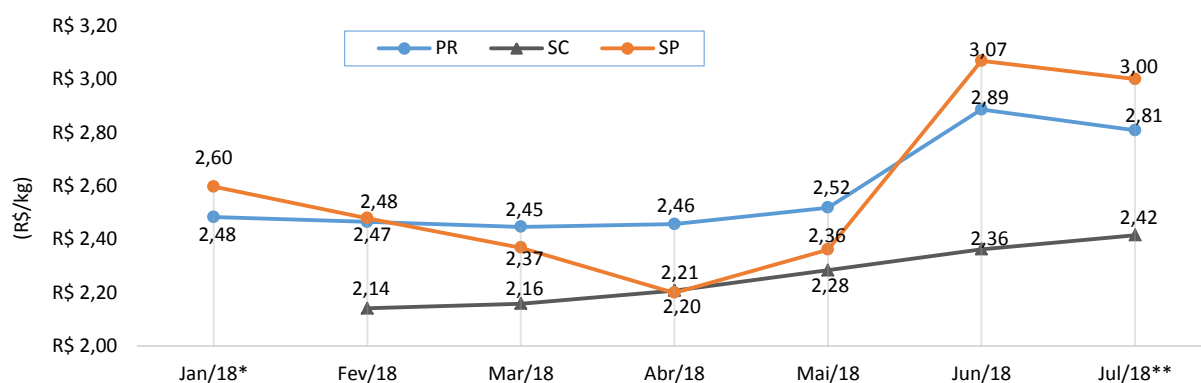
Conforme apresentamos no Boletim Agropecuário nº 61, as cadeias produtivas de carnes foram significativamente impactadas pela paralisação dos caminhoneiros e empresas de transporte, ocorrida nas duas últimas semanas de maio. Os efeitos desse movimento se estenderam ao longo do mês de junho e ainda afetam o setor em julho.

Com a suspensão dos abates durante o período de paralisação, reduziram-se os estoques de carnes dos supermercados, o que gerou grande demanda quando da retomada das atividades, no início de junho. Com isso, observou-se um incremento nos preços na maioria das praças de produção de frangos.

Nos três estados em que o preço é analisado no Boletim Agropecuário, já era registrada tendência de alta mesmo antes da paralisação, que se acentuou após a ocorrência desse movimento. Em São Paulo, por exemplo, observou-se variação de 7,36% em abril e de 29,91% em junho. No Paraná, a variação também foi significativa, com aumento de 2,50% em maio e de 14,61% em junho. Já Santa Catarina, embora também tenha sido registrada variação positiva no período, essa foi menos expressiva que nos demais estados: 3,46% em maio e 3,43% em junho.

Contudo, os preços preliminares de julho mostram reversão do movimento de alta observado no mês anterior, na maioria dos casos: -2,70% no Paraná e -2,23% em São Paulo. Somente Santa Catarina segue registrando resultado positivo, ainda, assim, num índice menor do que nos três meses anteriores (2,24%).

Apesar dos números deste mês, os resultados do ano são positivos. Em relação à janeiro, registra-se variação de 15,50% em São Paulo, 13,08% no Paraná e 12,79% em Santa Catarina (nesse caso, comparou-se o preço atual com fevereiro/2018). Quando se comparam os valores atuais com aqueles praticados em julho de 2017, a variação também é positiva nos três estados: 8,68% no Paraná, 14,04% em Santa Catarina e 20,00% em São Paulo. Segundo o IPCA/IBGE, a inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 4,39%.



(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

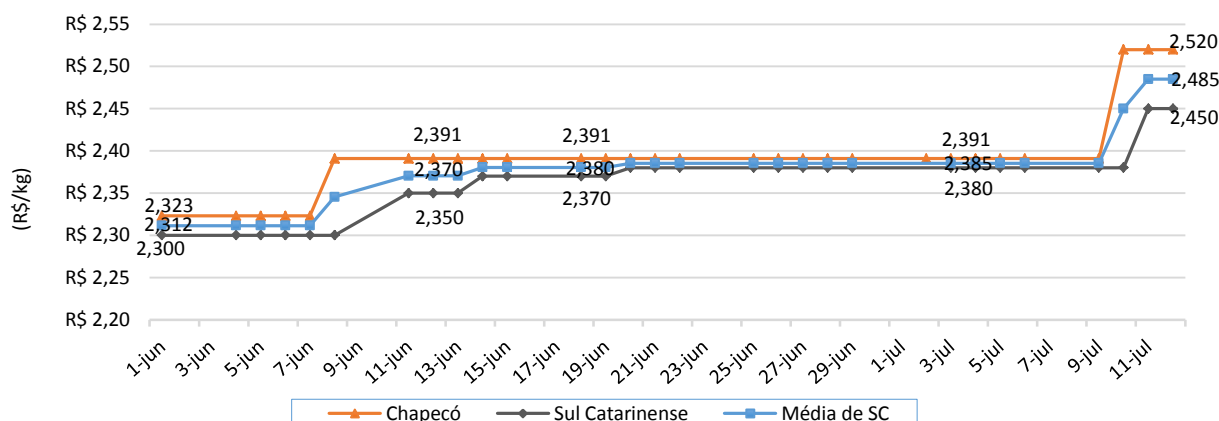
* Não há dados de Santa Catarina para o mês de janeiro/2018.

** Os valores de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 12/jul./2018.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); IEA (SP); SEAB (PR).

Frango vivo – Preço médio nominal⁽¹⁾ mensal para avicultores em Santa Catarina, São Paulo e Paraná – 2018

Os preços do frango vivo em Santa Catarina mantêm o padrão dos meses anteriores, com altas concentradas no início de cada mês e relativa estabilidade no restante do período. Também se repetiram as semelhanças no comportamento dos preços nas duas praças acompanhadas no estado. Em Chapecó, o preço médio preliminar de julho é 2,49% superior à média de junho, enquanto no Sul Catarinense o crescimento foi de 1,98% e a média estadual variou 2,24% nesse período.



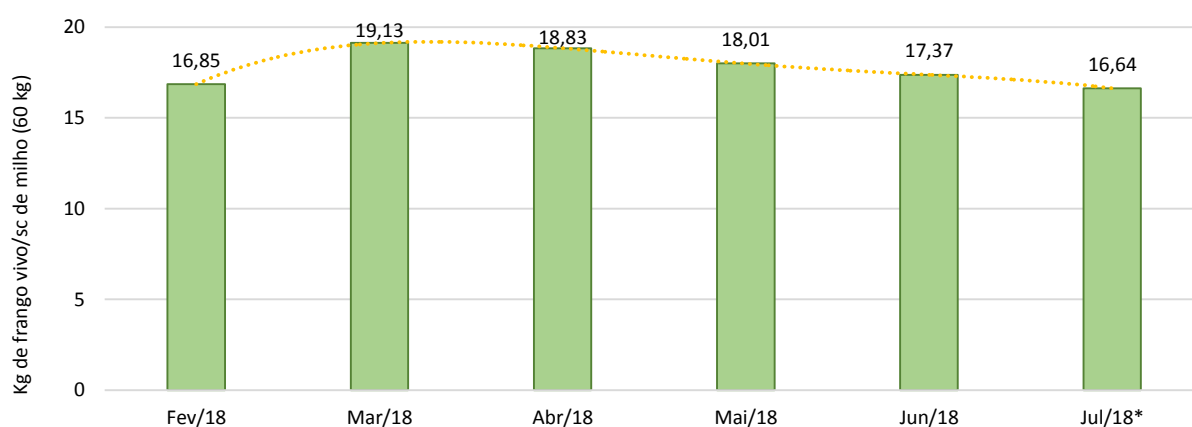
(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

Fonte: Epagri/Cepa.

Frango vivo – Preço médio nominal⁽¹⁾ diário para avicultores de duas regiões de Santa Catarina e média estadual – 1º/jun. a 12/jul./2018

Em maio, o Índice de Custos de Produção do Frango (ICPFrango), calculado pela Embrapa Suínos e Aves, aumentou 2,72% em relação ao mês anterior. No ano, esse indicador acumula alta de 17,61%, principalmente em função da elevação dos custos com alimentação (+16,52% no ano). Os pintos de um dia também contribuíram para esse aumento (+0,81% no ano). Nos últimos 12 meses, a variação acumulada do ICPFrango foi de 24,06%.

O aumento no preço do frango vivo, juntamente com a queda no preço do milho, faz com que a relação de equivalência insumo/produto registre variação negativa de 4,21% em julho, na comparação com o mês anterior. Esse é o quarto mês consecutivo de variação negativa, movimento que é influenciado por ambos os fatores mencionados anteriormente.



Para cálculo da relação de equivalência insumo/produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro/2018.

* O valor de julho é preliminar, relativo ao período de 1 a 12/jul./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quantidade de frango vivo necessária para adquirir um saco de milho em Santa Catarina – 2018

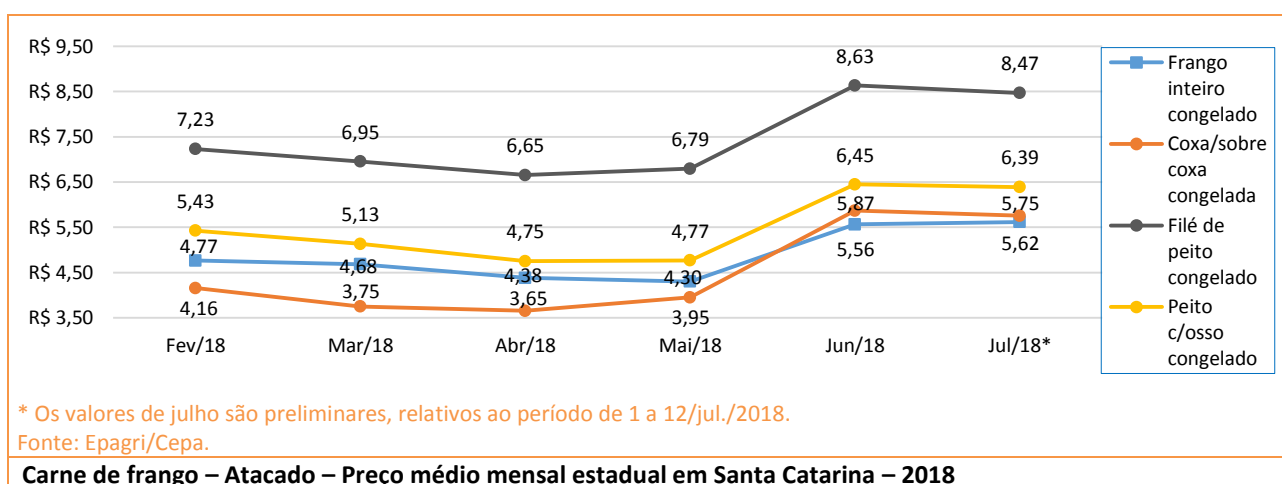
Desde maio, o preço do milho (saca de 60kg no atacado, na praça de Chapecó) registra consecutivas quedas, o que tem amenizado um pouco os efeitos da crise pela qual passa o setor de produção de carnes. Apesar disso, o preço atual do milho ainda está 51,40% acima daquele praticado em julho de 2017. Por outro lado, o valor atual está 20,88% abaixo do registrado em julho de 2016, período em que o milho atingiu patamares históricos.

Segundo o 10º Levantamento de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2017/2018, da Conab, a 1ª safra de milho deve ser de 26,91 milhões de toneladas, 11,66% menor que no ano anterior. Em relação à 2ª safra, observa-se uma alteração significativa nos números divulgados pela Conab: em junho projetava-se uma produção de 58,22 milhões de toneladas, enquanto no relatório de julho a estimativa baixou para 56,02 milhões de toneladas, queda de 16,86% na comparação com a safra anterior. A safra total deverá ser de 82,93 milhões de toneladas, o que corresponde a uma queda de 15,24% em relação ao ano anterior.

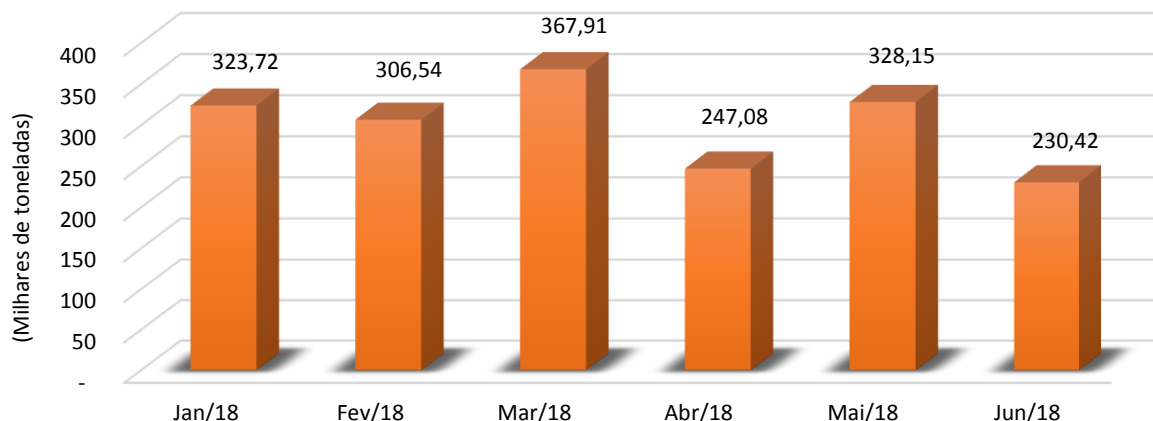
As estimativas da Epagri/Cepa indicam que a safra de milho em Santa Catarina também será menor que no ano anterior. Somando-se a 1ª e a 2ª safra, no ano agrícola 2017/2018 serão colhidas no estado cerca de 2,57 milhões de toneladas, queda de 20,54% em relação ao ciclo anterior.

Como já foi comentado no Boletim Agropecuário anterior, o mercado atacadista de Santa Catarina sentiu os efeitos da paralisação no transporte de cargas ocorrido no final de maio, o que resultou numa disparada dos preços em junho: coxa/sobrecoxa congelada (48,46%), peito com osso congelado (35,23%), frango inteiro congelado (29,35%) e filé de peito congelado (27,06%). O aumento médio desses quatro cortes foi de 35,02%.

Passada a fase mais crítica da redução dos estoques e risco de desabastecimento, os preços começam, aos poucos, a se ajustar novamente, ainda que num ritmo lento. De acordo com os dados preliminares de julho, dos quatro cortes monitorados pelo Cepa, três registram quedas em relação ao mês anterior: coxa/sobrecoxa congelada (-1,94%), filé de peito congelado (-1,93%) e peito com osso congelado (-0,88%). Somente o frango inteiro congelado segue com o movimento de alta no início de julho, embora bem menos intenso que no mês anterior (0,96%). O gráfico a seguir apresenta a evolução no preço dos quatro cortes monitorados durante os últimos seis meses.



Após uma recuperação nas exportações no mês de maio, o mês de junho voltou a registrar quedas bastante significativas. De acordo com os dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), no mês passado o país exportou 230,42 mil toneladas de carne de frango (*in natura* e industrializada), queda de 29,78% em relação ao mês anterior e de 36,48% na comparação com junho de 2017. Esse é o menor volume mensal exportado desde janeiro de 2007.



Fonte: MDIC / Comex Stat.

Exportações de carne de frango – Brasil – 2018

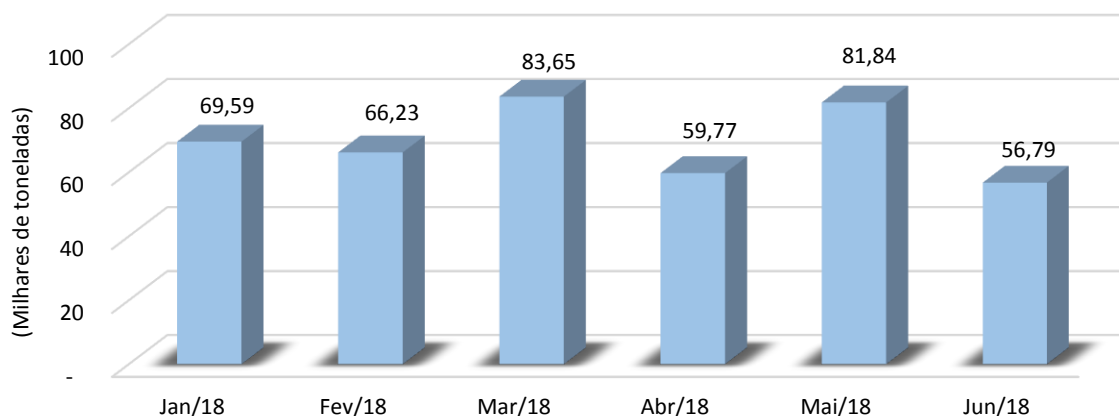
As receitas de junho também apresentaram desempenho fortemente negativo: US\$ 356,87 milhões, queda de 30,95% em relação ao mês anterior e de 41,24% na comparação com junho de 2017.

Os principais destinos das exportações de carne de frango brasileira em junho foram China, Japão, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Países Baixos, responsáveis por 43,89% das receitas do período.

As receitas acumuladas no primeiro semestre somaram US\$ 2,86 bilhões, queda de 19,13% em relação ao mesmo período de 2017. Em termos de quantidade, foram exportadas 1,80 milhão de toneladas, queda de 13,22% em relação ao primeiro semestre do ano anterior. A queda nas exportações brasileiras de carne de frango no primeiro semestre foi influenciada por embargos internacionais a algumas unidades de abate, reduções nas compras de importantes mercados e pela paralisação dos caminhoneiros no final de maio.

Os dados do MDIC referentes à primeira semana de julho (5 dias úteis), demonstram altas significativas na média diária de embarques de carne de frango *in natura* em relação a junho: 151,16% em valor e 148,28% em quantidade. Na comparação com julho de 2017, os resultados também são positivos: aumento de 49,97% em valor e de 54,33% em quantidade.

Santa Catarina também registrou queda nas exportações de carne de frango em junho. Foram exportadas 56,79 mil toneladas, queda de 30,60% em relação a maio e de 31,72% na comparação com junho de 2017. Essa é a menor quantidade exportada pelo estado desde julho de 2006.



Fonte: MDIC / Comex Stat.

Exportações de carne de frango – Santa Catarina – 2018

Em termos de receitas, os resultados também foram ruins: US\$ 93,36 milhões em junho, o que representa queda de 31,53% em relação ao mês anterior e de 38,89% na comparação com junho de 2017.

Os cinco principais destinos da carne de frango catarinense foram responsáveis por 43,73% do valor das exportações do estado no mês de junho, conforme apresentado na tabela abaixo.

Principais destinos das exportações de carne de frango – Santa Catarina – Junho/2018		
País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	14.431.572,00	8.167
China	9.555.244,00	5.652
Países Baixos (Holanda)	7.357.895,00	2.547
Emirados Árabes Unidos	5.534.377,00	3.418
Cingapura	3.946.336,00	2.085
Demais países	52.536.622,00	34.924
Total	93.362.046,00	56.793

Fonte: MDIC/Comex Stat.

Dentre os cinco principais destinos da carne catarinense, somente Emirados Árabes Unidos aumentou suas importações no mês passado, em relação a junho de 2017: 29,28% em valor e 75,93% em quantidade. Nos demais, observaram-se quedas de 26,96% a 51,51% em valor e de 15,30% a 60,00% em quantidade, conforme o caso.

As receitas acumuladas com as exportações de carne de frango catarinense no primeiro semestre foram de US\$ 715,77 milhões, queda de 17,10% em relação ao mesmo período de 2017. Em termos de quantidade, foram exportadas 417,87 mil toneladas no período, queda de 9,53% na comparação com o primeiro semestre do ano anterior.

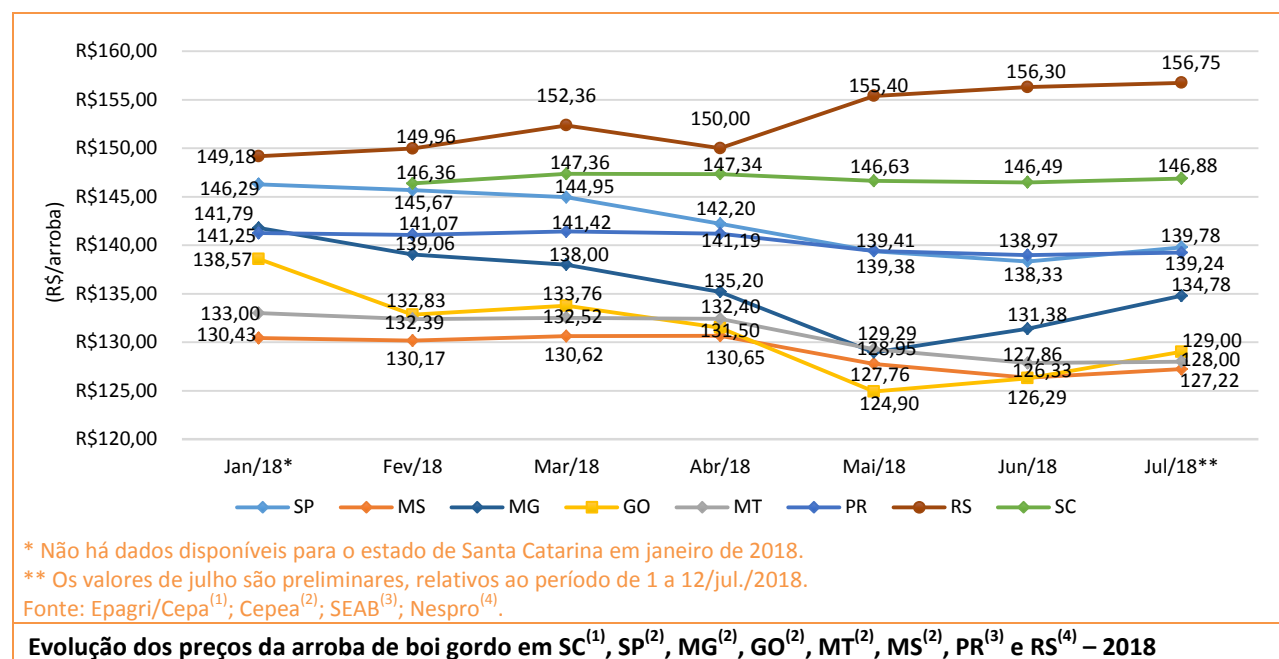
Além dos problemas nas exportações, as dificuldades enfrentadas no mercado interno têm levado muitas empresas a realizar ajustes na sua estrutura de produção, concedendo férias coletivas ou fechando unidades. Uma das empresas mais seriamente atingidas pela crise é a BRF, que teve diversas unidades descredenciadas para exportar carne de frango para a União Europeia, em razão de suspeitas de adulteração de exames laboratoriais. Em meados de junho, a empresa anunciou férias coletivas em pelo menos quatro unidades de abate, duas das quais localizadas em Santa Catarina: Chapecó e Concórdia. Além disso, em outros estados foram adotadas medidas mais drásticas, como o fechamento da linha de produção de frangos da BRF em Campo Verde (MT) e de perus em Mineiros (GO), bem como a suspensão por tempo indeterminado da linha de produção de perus em Francisco Beltrão (PR). Na segunda semana de julho, a BRF anunciou mais uma medida de adequação: suspensão por até 5 meses dos contratos de trabalho de 1,4 mil trabalhadores da unidade de abate de frangos de Chapecó, a partir de agosto. Segundo nota divulgada pela empresa, o objetivo é reduzir em 5% o total de funcionários das unidades de abate, em 22 das 35 unidades de produção da BRF no Brasil.

Em meados de junho, houve anúncio de fechamento da unidade de abate de frangos da GTB Foods, empresa de porte médio localizada em Ipuacú, no Oeste Catarinense. Em comunicado à imprensa, a empresa apontou como razões para o fechamento: “crise econômica, escassez de crédito, instabilidade política, alta dos insumos agroindustriais (como milho e farelo de soja) e forte queda nos preços de venda, posicionando-os abaixo dos custos de produção”. Posteriormente a GTB anunciou que a partir de agosto deve retomar as atividades.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

O primeiro semestre do ano foi marcado pela tendência de queda nos preços do boi gordo. Contudo, em junho alguns estados já apresentaram variação positiva nos preços médios mensais, embora ainda em índices pouco expressivos. Em julho, esse movimento se expandiu e todos os oito estados analisados apresentam aumento no preço preliminar em relação à média de junho: Minas Gerais (2,59%), Goiás (2,15%), São Paulo (1,04%), Mato Grosso do Sul (0,70%), Rio Grande do Sul (0,29%), Santa Catarina (0,26%), Paraná (0,19%) e Mato Grosso (0,11%).



Quando se comparam os preços atuais com aqueles praticados em julho de 2017, verifica-se que, em quase todos os casos, houve evolução no valor da arroba, em índices que variam de 5,37% no Rio Grande do Sul, até 13,44% em Goiás. A única exceção é Santa Catarina, que registrou queda de 1,59% no período. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 4,39% (IPCA/IBGE).

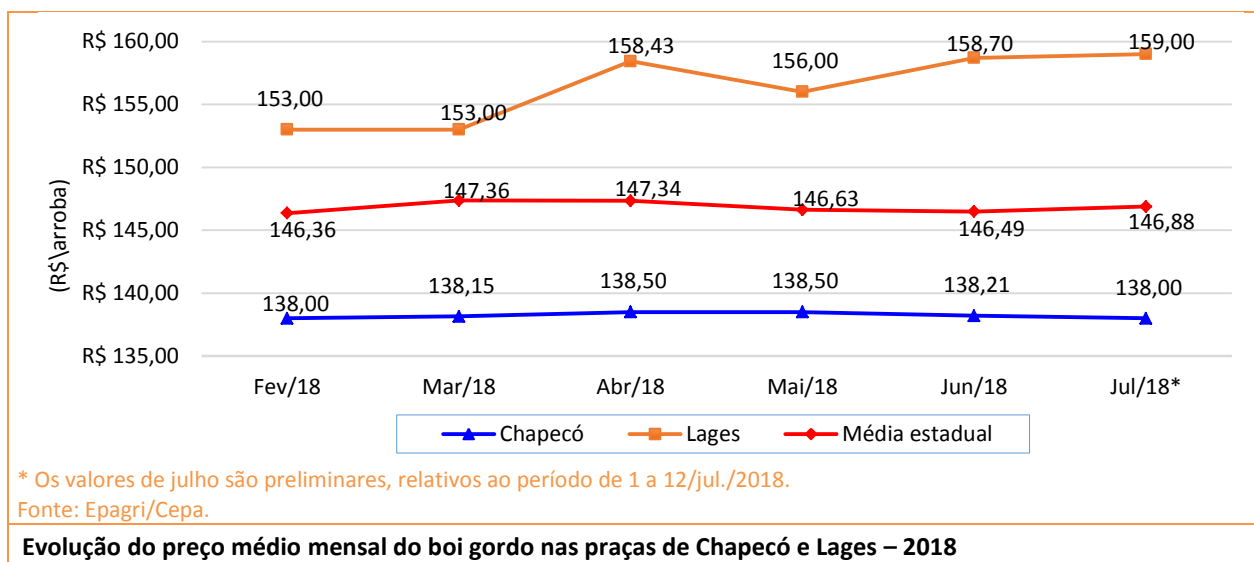
Em Santa Catarina, os preços do boi gordo nas duas praças de referência (Chapecó e Lages⁷) seguem apresentado comportamentos um pouco distintos entre si, conforme já mencionado em outras edições do Boletim. Em Chapecó, os preços se mantêm relativamente estáveis ao longo deste ano. Nos dois últimos meses, contudo, tem predominado uma leve tendência de queda, o que faz com que o preço preliminar de julho esteja 0,15% abaixo da média do mês anterior (em junho registrou queda de 0,21%). Na comparação com o preço praticado em julho do ano passado, a defasagem é de 8,00%.

Em Lages, por sua vez, observam-se oscilações um pouco mais significativas nos preços ao longo deste ano e, ao contrário de Chapecó, entre junho e julho a variação foi levemente positiva: 0,19%. Na comparação

⁷ A partir da edição anterior do Boletim Agropecuário as praças de referência para a bovinocultura passaram a ser Chapecó e Lages (esta última em substituição a Rio do Sul). Essas duas praças representam as mesorregiões catarinenses mais importantes na produção de bovinos para abate: Oeste Catarinense (48,1% do total de animais produzidos em 2017) e Serrana (14,3%). Os preços referentes à praça de Rio do Sul continuarão a ser coletados e divulgados na página eletrônica do Cepa.

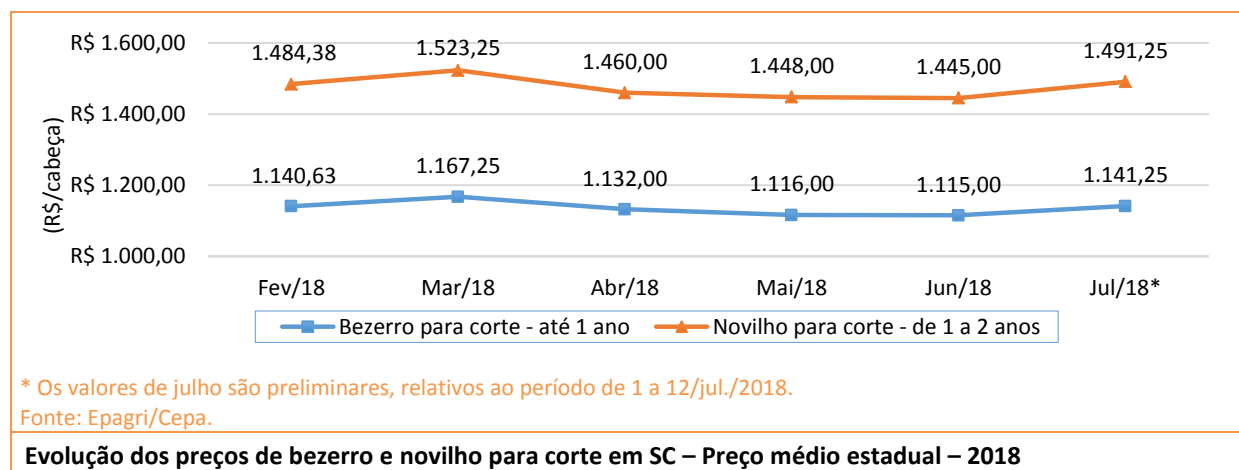
com julho de 2017, a situação também é inversa àquela observada em Chapecó: aumento de 8,00% no preço da arroba.

A média estadual, elaborada a partir dos preços de 8 praças distintas, apresenta comportamento relativamente estável ao longo deste ano. Entre junho e julho, mais uma vez observou-se pequena variação, dessa vez positiva: 0,26%. Na comparação com julho de 2017, há ainda uma defasagem de 1,59%.



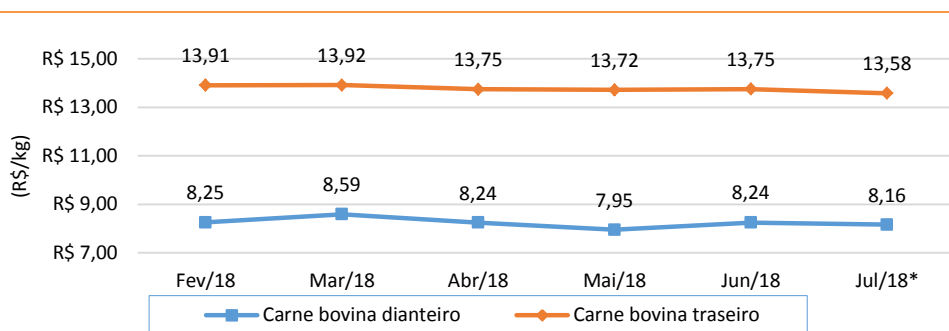
Evolução do preço médio mensal do boi gordo nas praças de Chapecó e Lages – 2018

Depois de três meses seguidos de queda, o mercado de animais de reposição voltou a apresentar variações positivas para as duas categorias. Os bezerros de até 1 ano registram alta de 2,35% quando se compara o preço preliminar de julho com a média do mês anterior. Já os novilhos de 1 a 2 anos apresentam alta ainda maior: 3,20%. Chama-se a atenção para o fato de que em junho também se registrava alta no início do mês, conforme apresentado no Boletim Agropecuário nº 61. Contudo, na segunda quinzena esse movimento se inverteu e o resultado do mês foi levemente negativo.



Evolução dos preços de bezerro e novilho para corte em SC – Preço médio estadual – 2018

Como era de se esperar, por conta da restrição na oferta em decorrência da paralisação de caminhoneiros e transportadoras, junho registrou aumento nos preços da carne bovina no mercado atacadista catarinense, embora em índices menores que as demais carnes: 3,73% para a carne bovina de dianteiro e 0,23% para a carne de traseiro.



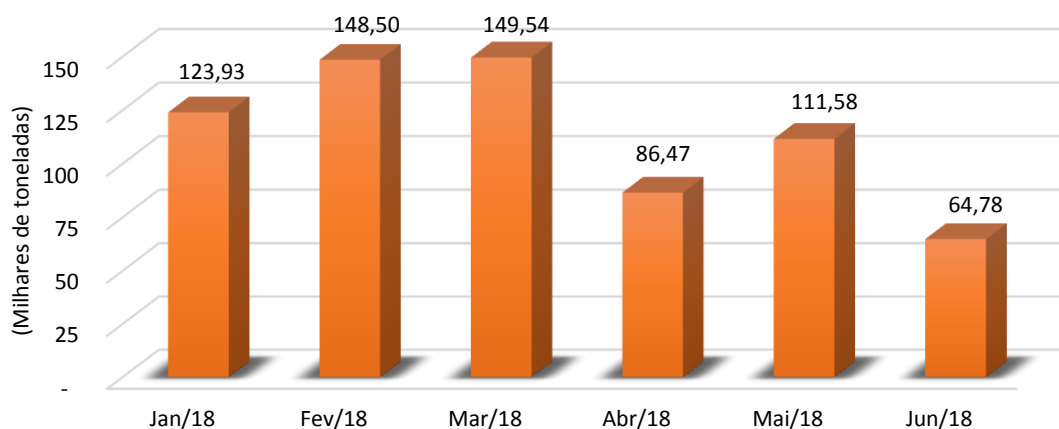
* Os valores de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 12/jul./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

Carne bovina – Atacado – Preço médio mensal estadual de dianteiro e traseiro em Santa Catarina – 2018

do preço atual. A carne de dianteiro, por sua vez, registra queda de 1,04% em relação a junho, com defasagem de 2,53% na comparação com julho de 2017.

Depois de pequena recuperação em maio, no mês de junho as exportações de carne bovina voltaram a apresentar queda significativa, causada principalmente pela paralisação dos caminhoneiros e empresas transportadoras. Segundo o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), foram embarcadas 64,78 mil toneladas de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), 41,94% menos do que em maio e 47,11% abaixo da quantidade exportada em junho de 2017. Essa é a menor quantidade mensal exportada pelo país desde agosto de 2003.



Fonte: MDIC/Comex Stat.

Exportações de carne bovina – Brasil – 2018

As receitas também apresentaram variação negativa significativa: US\$ 317,58 milhões em junho, queda de 31,46% em relação ao mês anterior e de 37,39% na comparação com junho de 2017. Esse é o pior resultado mensal desde janeiro de 2011.

Apesar dos resultados ruins de junho, no acumulado do primeiro semestre os números ainda são positivos: foram exportadas 684,80 mil toneladas, 5,15% mais do que no mesmo período de 2017. As receitas somaram US\$ 2,72 bilhões, aumento de 3,59% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Não obstante o fato de o primeiro semestre ter apresentado resultados abaixo do que as estimativas iniciais apontavam, a Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo) mantém a projeção de crescimento de 10% nas exportações de 2018. Segundo a entidade, o primeiro semestre foi prejudicado pela paralisação dos caminhoneiros e transportadoras e pela continuidade do embargo russo. A entidade avalia que os

efeitos da paralisação devam se diluir ao longo dos próximos meses e espera a retomada das exportações para a Rússia no segundo semestre.

Os cinco principais compradores de carne bovina brasileira em junho responderam por 70,76% das receitas das exportações. O destaque positivo é o Chile, que ampliou suas aquisições em 54,08% em termos de quantidade e 42,79% em termos de valor. Hong Kong, nosso principal comprador, reduziu suas importações de carne brasileira em valor e em quantidade (-56,29% e -54,92%, respectivamente), mesma situação do Egito (-67,26% em valor e -59,62% em quantidade). A China, por sua vez, embora tenha reduzido a quantidade importada (-3,92%), registrou aumento nas receitas (5,77%).

Chama a atenção o caso da Geórgia, que pela primeira vez aparece no ranking dos cinco principais destinos da carne bovina brasileira. De acordo com os dados do Comex Stat, em junho teriam sido exportados para aquele país 213 toneladas de carne bovina, no valor total de US\$ 51,61 milhões, o que resulta num custo médio de US\$ 242,3 mil dólares por tonelada. Entramos em contato com o MDIC para averiguar a ocorrência de possível erro nessa informação, mas até o momento não se obteve resposta.

Principais destinos das exportações de carne bovina – Brasil – Junho/2018

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	69.619.936,00	14.788
Hong Kong	52.493.556,00	13.880
Geórgia	51.609.693,00 ⁽¹⁾	213 ⁽¹⁾
Chile	35.497.083,00	8.838
Egito	15.501.180,00	5.274
Demais países	92.858.728	21.790
Total	317.580.176,00	64.783

Fonte: MDIC/Comex Stat.

⁽¹⁾ Valores sob análise, aguardando confirmação por parte do MDIC.

Os dados do MDIC referentes à primeira semana de julho (5 dias úteis) demonstram aumentos significativos na média diária de embarques de carne bovina *in natura*, em relação a junho: 118,86% em valor e 168,51% em quantidade. Na comparação com julho de 2017, os resultados também são positivos: aumento de 36,82% em valor e 38,87% em quantidade.

Apesar dos números ruins no cenário nacional, Santa Catarina mais uma vez registrou crescimento nas exportações de carne bovina, embora a participação do estado ainda seja pouco expressiva nesse segmento. Em junho, as exportações catarinenses foram de 281,94 toneladas, aumento de 21,90% em relação ao mês anterior e de 200,07% na comparação com junho de 2017. As receitas geradas foram de US\$ 881 mil, aumento de 14,17% em relação ao mês anterior e de 201,04% na comparação com junho de 2017.

No acumulado do primeiro semestre, Santa Catarina exportou 2,15 mil toneladas de carne bovina, com receitas de US\$ 7,12 milhões, aumento de 186,18% em valor e 185,04% em quantidade, quando comparado ao mesmo período do ano anterior.

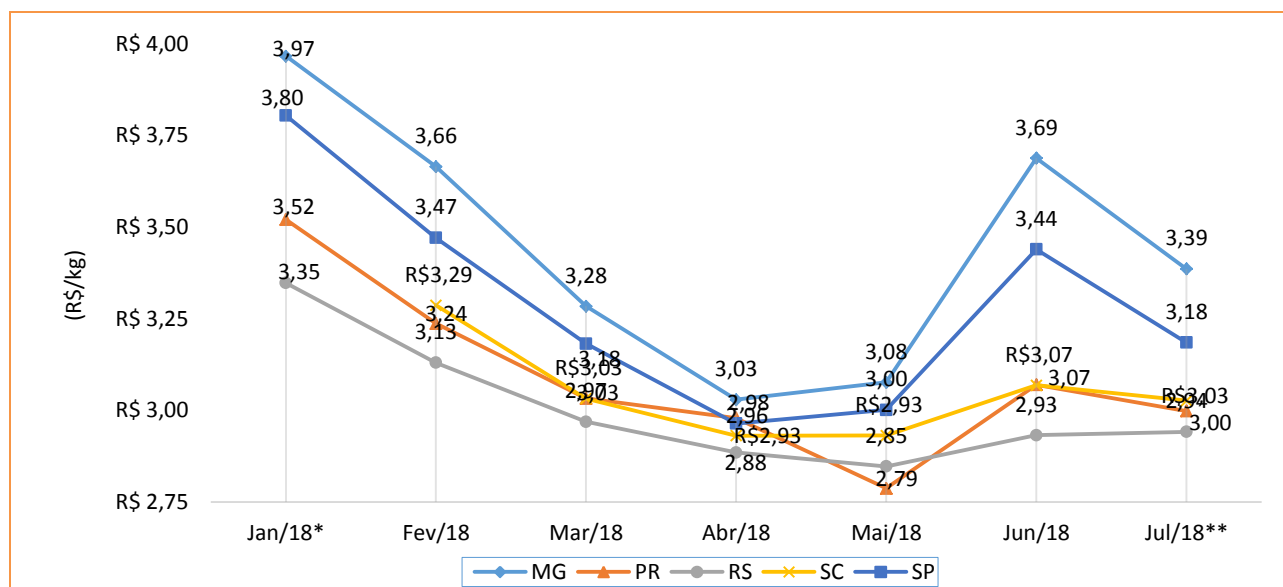
Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre.giehl@epagri.sc.gov.br

Desde o início deste ano, os preços do suíno vivo vinham caindo de forma acentuada em todos os estados analisados no âmbito do Boletim Agropecuário. A paralisação do setor de transportes em fins de maio gerou uma interrupção nos abates e na distribuição dos produtos, com consequente redução da oferta de carne suína nos pontos de comercialização. Com isso, o “mergulho” dos preços do suíno vivo, até então observado, deu lugar ao que poderíamos chamar de “decolagem” no decorrer de junho. Os preços de junho se mostraram acima da média do mês anterior em todos os cinco estados analisados: 19,89% em Minas Gerais, 14,58% em São Paulo, 10,13% no Paraná, 4,68% em Santa Catarina e 2,99% no Rio Grande do Sul.

Contudo, passada a fase crítica e com a gradativa normalização do abastecimento, ainda no final de junho os preços voltaram a cair em quase todas as praças. Os dados preliminares de julho demonstram variação negativa em quatro estados: -8,19% em Minas Gerais, -7,39% em São Paulo, -2,34% no Paraná e -1,37% em Santa Catarina. Somente o Rio Grande do Sul apresenta oscilação positiva até o momento, com variação de 0,31% em relação ao mês anterior. Embora os preços ainda não tenham retornado ao patamar em que se encontravam antes da paralisação, ainda se verifica prevalência da tendência de baixa nos preços diários, o que indica que devem ocorrer quedas mais significativas até o final do mês.

Quando se comparam os preços preliminares deste mês com aqueles praticados em julho de 2017, registra-se defasagens significativas: -13,49% em São Paulo, -11,23% em Minas Gerais, -9,65% no Paraná, -7,76% no Rio Grande do Sul e -6,88% em Santa Catarina. De acordo com o IPCA/IBGE, a inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 4,39%.



* Não há dados disponíveis para o estado de Santa Catarina em janeiro de 2018.

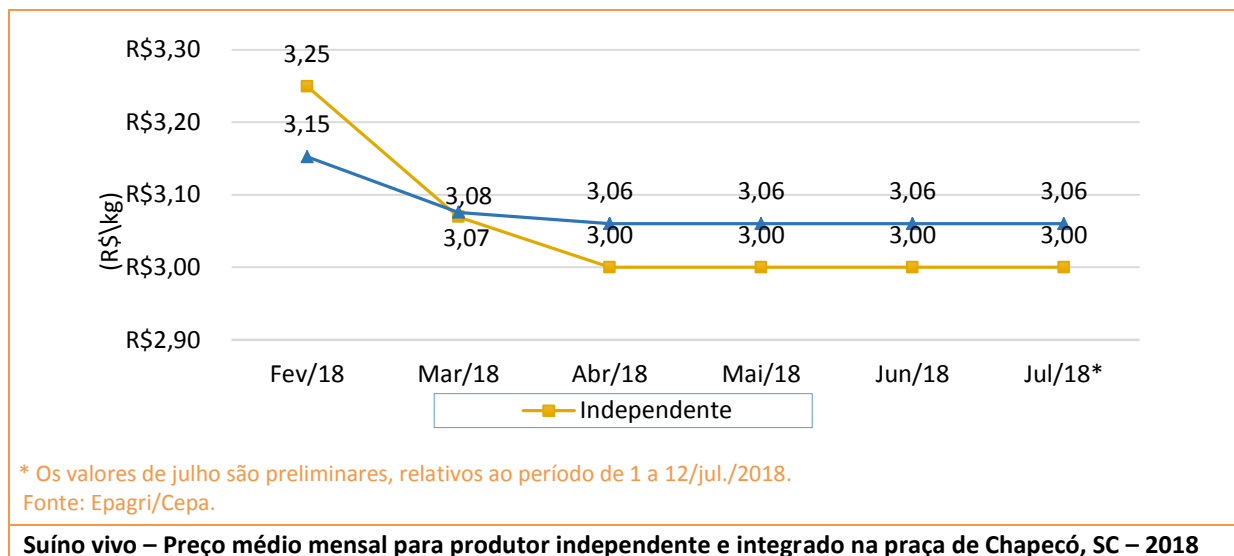
** Os valores de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 12/jul./2018.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

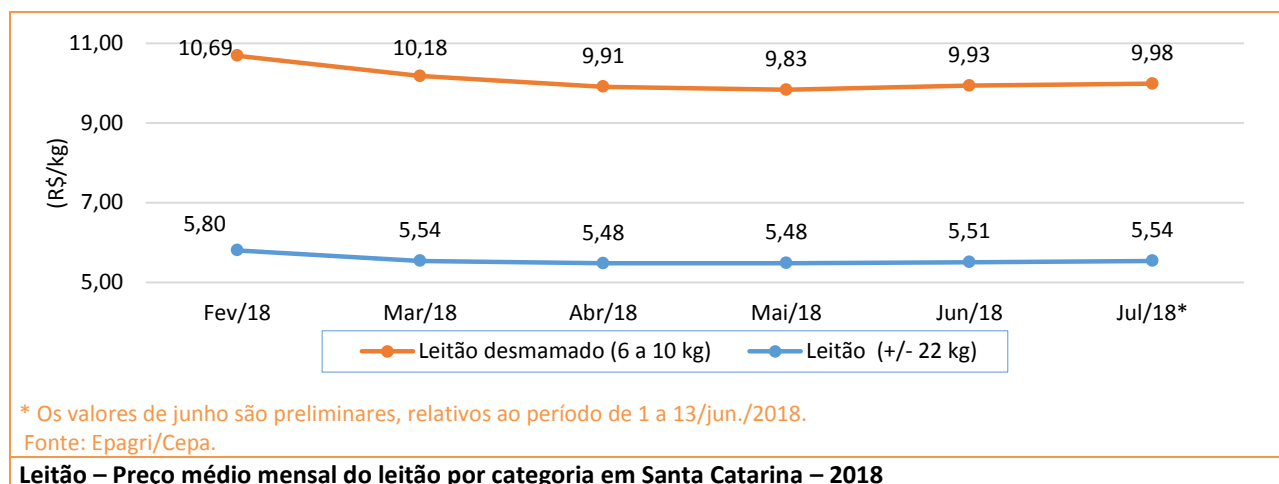
Suíno vivo – Evolução do preço pago nos principais estados produtores (R\$/kg de suíno vivo) – 2018

Apesar das oscilações do preço médio estadual nos últimos dois meses, em Chapecó, praça de referência para o suíno vivo em Santa Catarina, os preços mantiveram-se estáveis em relação ao mês anterior, sem

nenhuma alteração até a data de finalização deste boletim. Quando se comparam os valores atuais com aqueles praticados nessa praça em julho de 2017, observam-se diferenças de -11,76% para os produtores independentes e -4,97% para os integrados.

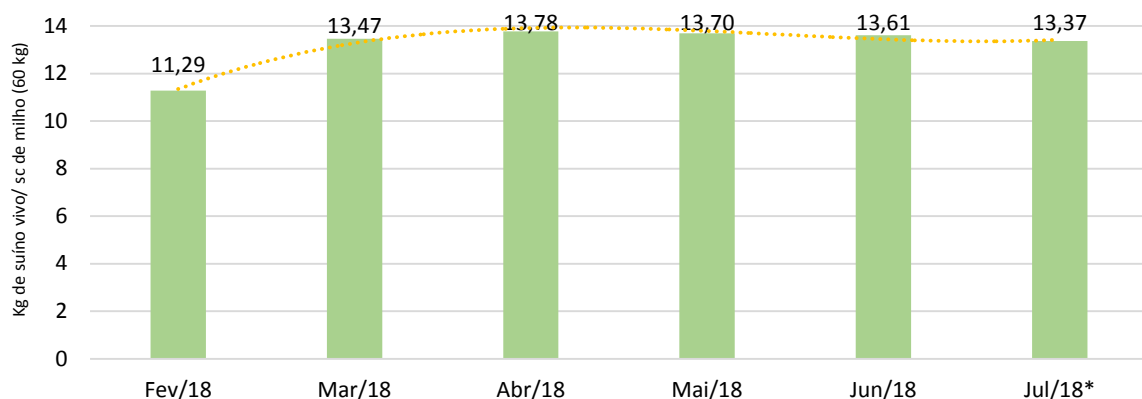


Diferentemente do que ocorre no mercado de suínos para abate, em julho os preços preliminares dos leitões apresentam oscilações positivas em relação ao mês anterior, embora em índices reduzidos. Os leitões de 6 a 10kg variam 0,49% na comparação com junho, enquanto os leitões com +/-22kg oscilam 0,61%. No entanto, na comparação com julho de 2017 são observadas defasagens: -6,66% para leitões de 6 a 10kg e -5,96% para leitões de +/-22kg.



Em maio, o Índice de Custos de Produção do Suíno (ICPSuíno), calculado pela Embrapa Suínos e Aves, aumentou 2,88% em relação ao mês anterior. No ano, esse indicador acumula alta de 15,74%, principalmente em função da elevação dos custos com alimentação (+15,53% no ano). Nos últimos 12 meses, a variação acumulada do ICPSuíno foi de 23,45%.

A relação de equivalência insumo/produto (índice calculado a partir dos preços do suíno vivo e do milho no atacado, ambos para a região de Chapecó) registra queda de 1,82% no valor preliminar de julho, resultado decorrente da redução no preço do milho (-1,82%). O valor atual encontra-se 65,39% abaixo daquele registrado em julho de 2017.



Para o cálculo da relação de equivalência insumo/produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro.

* O valor de julho é preliminar, relativo ao período de 1 a 12/jul./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quantidade necessária de suíno vivo para adquirir um saco de milho (60kg) – Praça de Chapecó, SC – 2018

Segundo o 10º Levantamento de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2017/2018, da Conab, a 1ª safra de milho deve ser de 26,91 milhões de toneladas, 11,66% menor que no ano anterior. Em relação à 2ª safra, observa-se uma alteração significativa nos números divulgados pela Conab: em junho projetava-se uma produção de 58,22 milhões de toneladas, enquanto no relatório de julho a estimativa baixou para 56,02 milhões de toneladas, queda de 16,86% na comparação com a safra anterior. A safra total deverá ser de 82,93 milhões de toneladas, o que corresponde a uma queda de 15,24% em relação ao ano anterior.

As estimativas da Epagri/Cepa indicam que a safra de milho em Santa Catarina também será menor que no ano anterior. Somando-se a 1ª e a 2ª safra, no ano agrícola 2017/2018 serão colhidas no estado cerca de 2,57 milhões de toneladas, queda de 20,54% em relação ao ciclo anterior.

Conforme já havia sido mencionado no Boletim Agropecuário anterior, a restrição de oferta levou a aumentos nos preços de atacado de todos os cortes acompanhados pela Epagri/Cepa durante o mês de junho: carré (8,17%), carcaça (5,76%), lombo (5,53%), costela (5,01%) e pernil (2,71%). Essa oscilação é decorrente da paralisação de caminhoneiros e transportadoras, ocorrida no final de maio. Contudo, passados os momentos de oferta limitada, os preços voltaram a cair. Os dados preliminares de julho demonstram quedas nos cinco tipos de cortes: pernil (-9,04%), carré (-6,87%), carcaça (-4,96%), lombo (-1,32%) e costela (-1,18%).

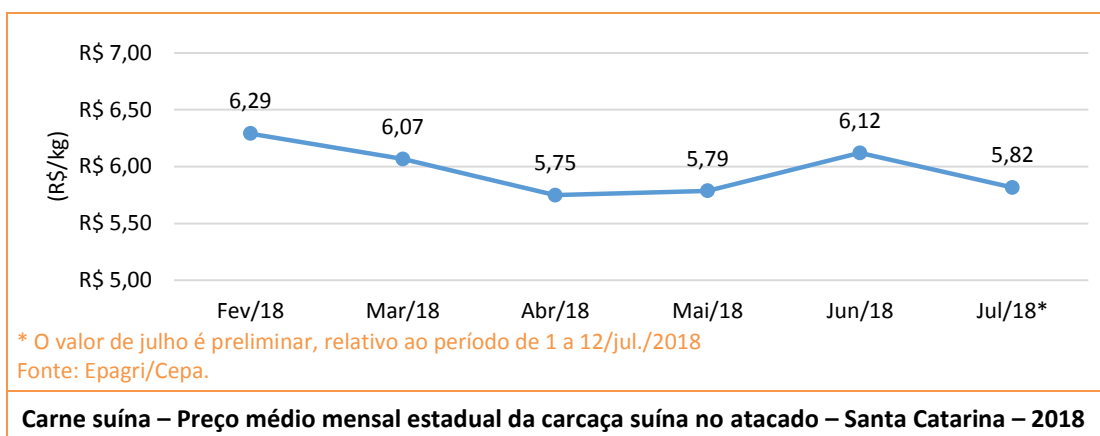
Carne suína – Preço médio estadual no atacado – Santa Catarina – 2018

Produto	Mai/18	Jun/18	Jul/18 ⁽¹⁾
Carré (sem couro)	R\$ 7,51	R\$ 8,12	R\$ 7,56
Costela (sem couro)	R\$ 11,32	R\$ 11,89	R\$ 11,75
Lombo	R\$ 10,43	R\$ 11,01	R\$ 10,86
Carcaça	R\$ 5,79	R\$ 6,12	R\$ 5,82
Pernil (com osso e couro)	R\$ 6,72	R\$ 6,90	R\$ 6,27

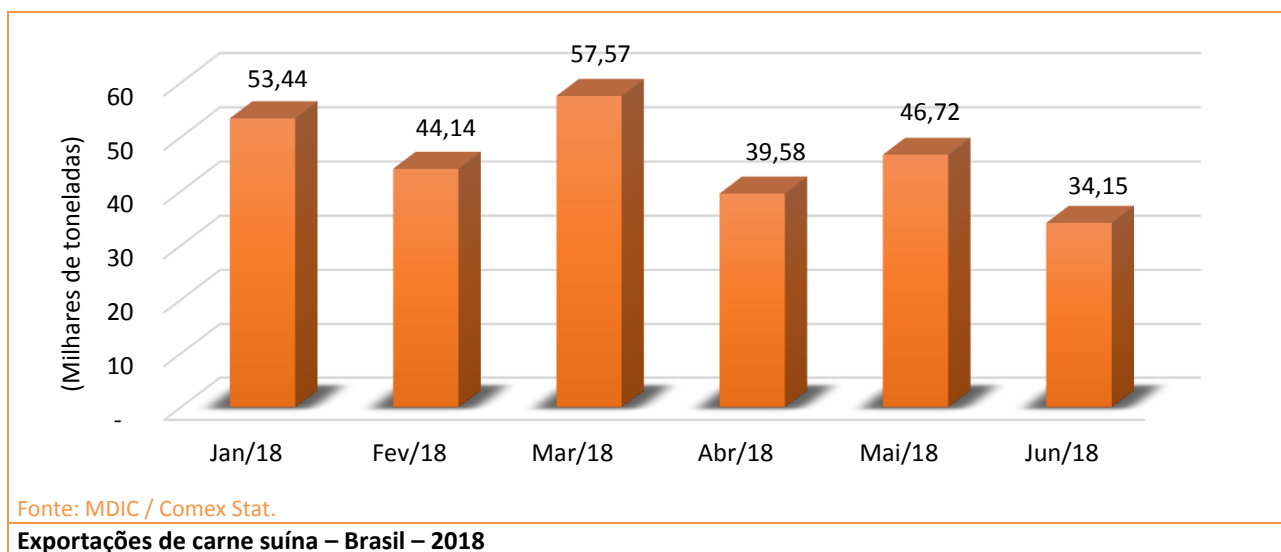
⁽¹⁾ Os valores de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 12/jul./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

A figura a seguir apresenta a evolução do preço médio estadual de atacado da carcaça suína, a partir de fevereiro de 2018.



Como consequência da paralisação do setor de transportes, dentre outros fatores, no mês de junho registraram-se oscilações negativas nas exportações de carne suína. De acordo com os dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), no mês passado foram embarcadas 34,15 mil toneladas de carne (*in natura*, industrializada e miúdos), queda de 26,90% em relação ao mês anterior e de 45,50% na comparação com junho de 2017. Esse é o pior resultado para um mês desde fevereiro de 2015.



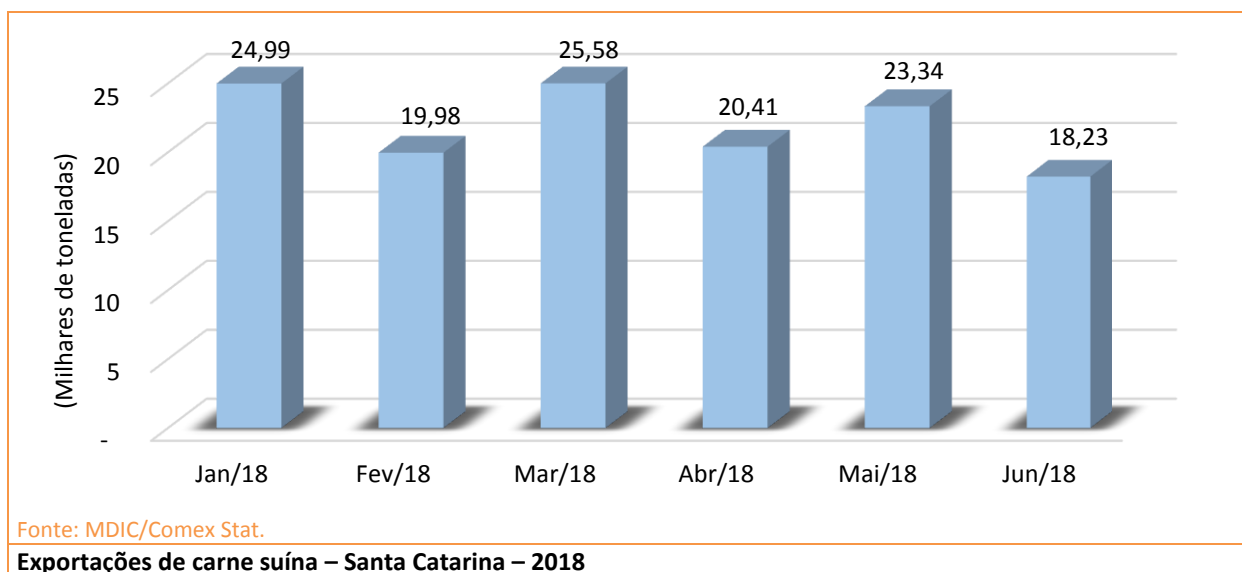
As receitas de junho foram de US\$ 64,07 milhões, queda de 30,07% em relação ao mês anterior e de 58,53% na comparação com junho de 2017.

No acumulado do primeiro semestre, as receitas somaram US\$ 554,64 milhões, queda de 31,30% em relação ao mesmo período de 2017. A quantidade exportada no semestre foi de 267,61 mil toneladas, queda de 18,14% em relação ao ano anterior.

Os principais destinos externos da carne suína brasileira em junho foram Hong Kong, China, Uruguai, Argentina e Cingapura, que juntos responderam por 71,82% das receitas com esse produto. Novamente, destaca-se o crescimento das exportações para a China, que em junho comprou 92,98% mais carne suína brasileira do que no mesmo período do ano passado. Os embarques para o mercado chinês têm minimizado as perdas decorrentes do embargo russo. Contudo, vale mencionar que em junho deste ano foram embarcados para a China 12,78 mil toneladas de carne suína, enquanto no mesmo período do ano passado a Rússia adquiriu 26,37 mil toneladas.

Os dados do MDIC referentes à primeira semana de julho (5 dias úteis), demonstram aumentos significativos na média diária de embarques de carne suína *in natura*, em relação ao mês anterior: 128,18% em valor e 139,33% em quantidade. Em relação a julho de 2017, os resultados também são positivos: aumento de 8,68% em valor e de 47,32% em quantidade.

Assim como no cenário nacional, as exportações catarinenses também registraram queda significativa no mês passado. Segundo o MDIC, foram embarcadas 18,23 mil toneladas, queda de 21,89% na comparação com maio e de 29,15% em relação a junho de 2017. Essa é a menor quantidade exportada num mês desde fevereiro de 2016.



As receitas de junho atingiram US\$ 34,25 milhões, montante 26,01% menor que no mês anterior e 46,19% abaixo das receitas obtidas em junho de 2017.

Em junho, subiu a participação de Santa Catarina no total de carne suína exportada pelo Brasil. O estado foi responsável por 53,39% da quantidade e 53,46% das receitas do país com esse produto.

No acumulado do ano, Santa Catarina exportou 132,54 mil toneladas de carne suína, o que representa uma queda de 4,64% em relação ao primeiro semestre do ano passado. As receitas desse período somaram US\$ 266,00 milhões, queda de 19,51% na comparação com o ano anterior.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses em junho responderam por 70,29% das receitas e 70,83% da quantidade. Chama-se a atenção para o fato de que, nos meses anteriores, os cinco maiores compradores eram responsáveis por mais de 80% da carne suína exportada pelo estado.

Principais destinos das exportações de carne suína – Santa Catarina – Junho de 2018		
País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	8.368.892,00	4.474
Hong Kong	4.974.116,00	2.544
Chile	4.660.554,00	2.289
Argentina	4.140.891,00	1.806
Angola	1.931.392,00	1.802
Demais países	10.177.400,00	5.319
Total	34.253.245,00	18.234

Fonte: MDIC/Comex Stat.

Dentre os cinco principais destinos listados na tabela anterior, três registraram aumentos em junho na comparação com o mesmo mês de 2017: China (44,56% em valor e 53,50% em quantidade), Chile (12,26% em valor e 33,48% em quantidade) e Argentina (158,82% em valor e 252,12% em quantidade). Variações negativas foram registradas nas exportações para Hong Kong (-33,48% em valor e -28,30% em quantidade) e Angola (-22,89% em valor e -3,22% em quantidade).

Segundo avaliação da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), os bloqueios nas estradas durante a paralisação do setor de transportes impactaram diretamente nos resultados do mês de junho. A expectativa da entidade é que o desempenho mensal seja normalizado em julho.

Pecuária

Leite

Tabajara Marcondes
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Os preços de alguns lácteos aumentaram sensivelmente de maio para junho e mantiveram os patamares nos primeiros dias deste mês de julho. Isso se deu especialmente com os preços do leite UHT, que normalmente variam mais significativamente em curtos espaços de tempo, tanto no caso de elevações quanto de quedas de valor.

Segundo os levantamentos da Epagri/Cepa, o preço médio do leite UHT no mercado atacadista de Santa Catarina aumentou 31,4% de maio para junho, permanecendo com valor estável nos primeiros dias de julho. Esses preços de junho e primeiros dias de julho, são raridade no mercado atacadista de Santa Catarina, sendo patamares de preços mais frequentes no mercado varejista. De toda série histórica da Epagri/Cepa, somente de junho a agosto de 2016 o preço médio do leite UHT superou os R\$3,00/l. Normalmente, essas elevações acentuadas costumam durar pouco tempo. O ocorrido no ano de 2016 é um exemplo bem ilustrativo: em maio o preço médio era de R\$2,61/l, em julho alcançou o recorde histórico de R\$3,59/l e em setembro caiu para R\$2,37/l.

Preços médios mensais no mercado atacadista de Santa Catarina - 2017-2018			
Mês	Leite UHT - litro	Manteiga ext. - 200 g	Queijo mozzarella- kg
Fev./2017	2,43	5,10	15,96
Mar./2017	2,55	5,24	16,74
Abr./2017	2,54	5,35	17,20
Maió/2017	2,47	5,48	17,24
Jun./2017	2,44	5,37	17,39
Jul./2017	2,28	5,07	16,97
Ago./2017	2,13	4,97	16,40
Set./2017	1,88	4,90	14,17
Out./2017	1,92	4,91	14,58
Nov./2017	2,02	5,11	14,13
Dez./2017	1,89	5,16	14,06
Fev./2018	1,96	5,27	14,77
Mar./2018	2,18	5,31	15,15
Abr./2018	2,31	5,39	14,99
Maió/2018	2,36	5,33	15,33
Jun./2018	3,10	5,39	17,32
1ª sem. de jul.	3,09	4,78	17,12

Fonte: Epagri/Cepa.

É certo que parte desse aumento deve-se ao fato de estarmos num período em que a produção leiteira nacional alcança os seus menores patamares, o que restringe as opções/condições de compras do mercado varejista e melhora as condições de negociações de margens das indústrias lácteas perante o varejo. Mas, é também certo que os preços do mês de junho e primeiros dias de julho ainda sofreram a influência de circunstâncias relacionadas à greve dos caminhoneiros, que interrompeu a captação de leite em muitas regiões brasileiras, restringiu o funcionamento de boa parte do sistema de industrialização de leite e dificultou o abastecimento ao mercado varejista/consumidores.

Esse quadro se refletiu plenamente na última reunião mensal do Conseleite/SC, realizada no dia 21/06. O preço de referência projetado para junho, que tomou por base os preços dos lácteos no atacado nas primeiras semanas de junho, aumentou cerca de 13 centavos em relação ao preço final de maio⁸.

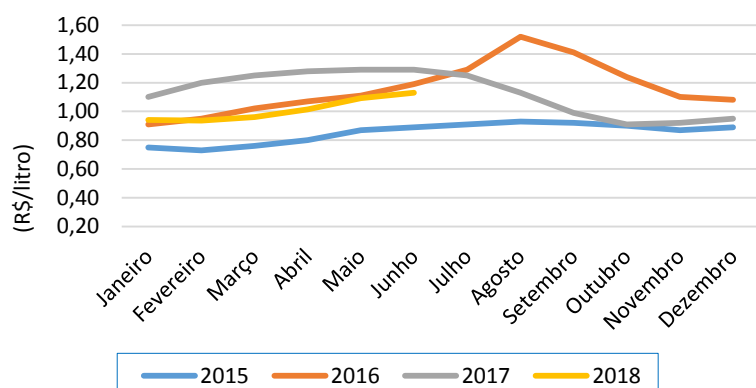
Leite padrão - Preços de referência do Conseleite de Santa Catarina - 2015-18

Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso				Var. %	
	2015	2016	2017	2018	2017/16	2018/17
Janeiro	0,7744	0,9546	1,0783	0,9695	13,0	-10,1
Fevereiro	0,7866	1,0154	1,1096	1,0128	9,3	-8,7
Março	0,8614	1,0652	1,1412	1,0857	7,1	-4,9
Abril	0,8843	1,1166	1,1693	1,1295	4,7	-3,4
Maió	0,8875	1,1430	1,1733	1,1522	2,7	-1,8
Junho	0,9347	1,3363	1,1394	1,2821	-14,7	12,5
Julho	0,9278	1,5500	1,0617		-31,5	
Agosto	0,9131	1,3248	1,0189		-23,1	
Setembro	0,8978	1,1051	0,9374		-15,2	
Outubro	0,9024	1,0461	0,9550		-8,7	
Novembro	0,9308	0,9993	0,9977		-0,2	
Dezembro	0,9387	1,0333	0,9788		-5,3	
Média	0,8866	1,1408	1,0634		-6,8	

Junho/2018: Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC

O preço Conseleite/junho é um importante parâmetro para os preços a serem pagos neste mês de julho aos produtores. Em relação a isso, embora a Epagri/Cepa ainda não disponha de preços para todas as praças em que realiza os levantamentos, os indicativos são de que algumas indústrias/cooperativas praticarão preços com valorizações superiores aos 13 centavos, com casos de valorizações mais significativas, de cerca de 20 centavos acima do preço pago no mês de junho. Ainda assim, dificilmente o preço médio será melhor que o de julho de 2017, mantendo o padrão dos meses anteriores.



LEITE – Preço médio aos produtores catarinenses – 2015-18

Em termos de perspectivas, não obstante a sustentação dos preços de alguns lácteos no mercado atacadista, são improváveis novas elevações significativas nos preços aos produtores, pelo menos de forma generalizada. Além do crescimento na quantidade de leite recebida pelas indústrias, sobretudo na Região Sul do Brasil, já são observadas as esperadas reações do varejo/consumidores às

recentes elevações nos preços de alguns lácteos, de maneira especial do leite UHT.

⁸ Embora a maior parte desse aumento seja explicada por questões de mercado, registra-se que em junho houve também mudanças nos parâmetros técnicos relacionados aos custos de produção de lácteos, com aumento da valorização da matéria-prima leite.